

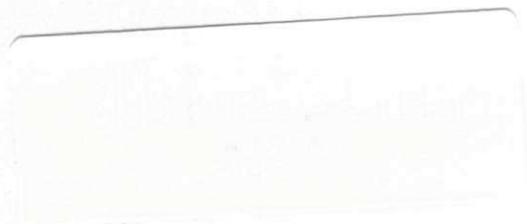


**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE SAÚDE E TECNOLOGIA RURAL
UNIDADE ACADÊMICA DE ENGENHARIA FLORESTAL
CAMPUS DE PATOS - PB**

**LEVANTAMENTO ETNOBOTÂNICO DE PLANTAS
MEDICINAIS EM ÁREA DE CAATINGA NO MUNICÍPIO DE
SÃO MAMEDE, PARAÍBA, BRASIL.**

Cecília Chaves e Silva

Engenheira Florestal



Patos - Paraíba - Brasil



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE SAÚDE E TECNOLOGIA RURAL
UNIDADE ACADÊMICA DE ENGENHARIA FLORESTAL
CAMPUS DE PATOS - PB**



**LEVANTAMENTO ETNOBOTÂNICO DE PLANTAS
MEDICINAIS EM ÁREA DE CAATINGA NO MUNICÍPIO DE
SÃO MAMEDE, PARAÍBA, BRASIL.**

**Cecília Chaves e Silva
Prof.^a Dr.^a Maria das Graças Veloso Marinho**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Campina Grande, Campus de Patos/PB, para a obtenção do Grau de Engenharia Florestal.

Patos - Paraíba - Brasil

2008



Biblioteca Setorial do CDSA. Junho de 2022.

Sumé - PB

FICHA CATALOGADA NA BIBLIOTECA SETORIAL DO
CAMPUS DE PATOS - UFCG

S586I
2008

Silva, Cecília Chaves e.

Levantamento Etnobotânico de plantas medicinais em área de caatinga no município de São Mamede, Paraíba, Brasil. / Cecília Chaves e Silva. – Patos-PB. CSTR/UFCG, 2008.

45 p. il.

Inclui bibliografia

Monografia (Graduação em Engenharia Florestal), Centro de Saúde e Tecnologia Rural, Universidade Federal de Campina Grande.

Orientador: Maria das Graças Veloso Marinho.

Banca Examinadora: Fernando César Vieira Zanella, Onaldo Guedes Rodrigues.

1 – Plantas Medicinais – Etnobotânica. Monografia. I – Título.

CDU: 633.88



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE SAÚDE E TECNOLOGIA RURAL
UNIDADE ACADÊMICA DE ENGENHARIA FLORESTAL
CAMPUS DE PATOS - PB



CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

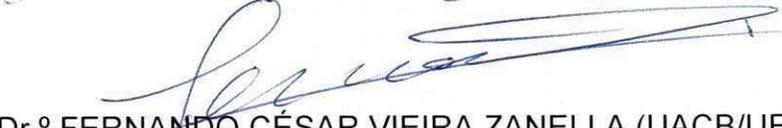
**TÍTULO: LEVANTAMENTO ETNOBOTÂNICO DE PLANTAS
MEDICINAIS EM ÁREA DE CAATINGA NO MUNICÍPIO DE
SÃO MAMEDE, PARAÍBA, BRASIL.**

AUTOR: CECÍLIA CHAVES E SILVA

ORIENTADORA: Prof. Dr. MARIA DAS GRAÇAS VELOSO MARINHO

Monografia aprovada como parte das exigências para a obtenção do Grau de Engenheiro Florestal pela Comissão Examinadora composta por:


Prof.^a. Dr.^a. MARIA DAS GRAÇAS VELOSO MARINHO (UACB/UFPA)
Orientadora


Prof.^o Dr.^o FERNANDO CÉSAR VIEIRA ZANELLA (UACB/UFPA)
1^o Examinador


Prof. Dr. ONALDO GUEDES RODRIGUES (UACB/UFPA)
2^o Examinador

Patos (PB), 30 de junho de 2008

BIOGRAFIA DO AUTOR

CECÍLIA CHAVES E SILVA - Nasceu em 28 de fevereiro de 1985, na cidade de João Pessoa/PB. Em 1999 concluiu o Ensino Fundamental na Escola Municipal General Rodrigo Otávio. Em 2002 concluiu o Ensino Médio na Escola Estadual de Ensino Médio Prof.^o Matheus Augusto de Oliveira. Em 2008 concluiu o curso de Engenharia Florestal, pela Universidade Federal de Campina Grande, Campus de Patos/PB, onde foi bolsista remunerado do PIBIC, pelo programa de bolsas de Iniciação Científica, por um período de 4 anos na área de Etnobotânica. Também bolsista de Extensão, pelo Programa de Bolsas de Extensão (PROBEX) pelo período de 1 ano, na área de Plantas Medicinais.

"Paciência e perseverança têm o efeito mágico de fazer as dificuldades desaparecerem e os obstáculos sumirem".

(John Quincy Adams)

"... Você é o reflexo
do que pensa diariamente,
então, pense sempre no melhor!

... A tua paz interior é a tua meta de vida,
quando sentires um vazio na alma,
quando acreditares
que ainda está faltando algo,
mesmo tendo tudo,
remete teu pensamento
para os teus desejos mais íntimos
e busque a divindade que existe em você".

(Paulo Roberto Gaefke)

Juramento (Engenharia Florestal)

"Prometo, no exercício da profissão da Engenharia Florestal,
dedicar meu empenho na aplicação da ciência em benefício da
natureza, respeitando-a acima da tecnologia.

Se eu cumprir este juramento com fidelidade, goze para sempre
minha vida e a minha arte entre os homens; se o infringir, ou dele me
afastar, suceda-me o contrário."

Assim Prometo

DEDICO

A **Deus**, pela minha existência, porque nada nos é possível se não for de sua vontade.

Aos meus pais, **Josefa Silva Chaves e Severino dos Ramos Chaves**, a quem devo todas as minhas conquistas, pelo exemplo de bondade, coragem, honestidade e doação. E por entenderem minha ausência em certas ocasiões. A vocês, torço meu **AMOR**.

Aos meus irmãos, **Daniel, Márcio e Nino**, a minha sobrinha linda, **Ana Clara**, e as minhas afilhadas, **Analice, Camily, Elisa**. A vocês minha eterna gratidão pela compreensão nos momentos difíceis e entenderem minha ausência.

Aos meus avós paternos **Cecília e Luís** (in memorian), que em alguns momentos duvidaram de minha capacidade (mais nunca deixei que isso me influenciasse), e maternos **Júlio** (in memorian) e **Júlia**, pelo incentivo sempre. Independente de qualquer coisa, sinto muita falta de vocês...

A todos os meus **amigos**.

AGRADECIMENTOS

A **Deus**, por me conceder a vida.

Aos **meus pais** por tudo que me proporcionaram (vida, lazer, educação, responsabilidade, respeito, etc.), pelo carinho e compreensão nos momentos mais difíceis.

Aos meus irmãos **Daniel, Márcio e Jéferson** (nino) e minha sobrinha **Ana Clara**, que caminharam comigo nessa jornada, vocês também constituem parte desse sonho.

A minhas afilhadas **Analice, Camily e Elisa**, e é claro meus compadres: **Maria, John e Sol**, e **Valda**, que compreenderam minha ausência.

Aos meus "filhos" queridos: **sapatinho, nina, biu e tedy**.

A **Universidade Federal de Campina Grande**, pela oportunidade de realização deste curso.

A minha orientadora, **Maria das graças V. Marinho**, pelos ensinamentos, dedicação e compreensão demonstrados na realização deste trabalho.

Ao **Prof. Fernando César V. Zanella**, pela orientação, amizade e companheirismo.

Aos membros da Banca Examinadora, em especial ao **Prof. Onaldo G. Rodrigues** pela disponibilidade da participação e suas valiosas contribuições.

A **todos os professores desta Instituição**, os quais só tenho que agradecer a amizade, o respeito e os ensinamentos transmitidos.

Aos meus amigos das antigas: **Valda, Sol, Jonh, Penha, Renato, Gracielle**, mesmo sabendo que a vida nos leva para diferentes caminhos...

Aos grandes amizades que conquistei na Universidade: **Adjane, Aline, Marquinhos**; "na praça": **Toinha, Amanda**; por consequência do destino: **Petrúcio**. Mesmo aquelas amizades mais recentes: **Fabrine**; e as que um mês não foi suficiente para tanta euforia (Galera de Goiás): **Gustavo (Guti), Idaiana, Débora, Sidney (Sidão), Junão, Daniel (Mandy), Breno, Fábio, Ghimayel, Mineiro, Júnior, André, Cilene, Seu Bené, João Fábio** (te surpreendi não foi), **Deberson** (falei que não te esqueceria). Para todos vocês, amigos de ontem e hoje, que estiveram presentes em alguns dos melhores momentos de minha vida, meus sinceros agradecimentos.

Aos colegas do curso de Engenharia Florestal: **Karla Cecília, José Aminthas, Petley, Verônica, Gustavo, Aninha**, pela amizade nos momentos necessários.

A todas as outras pessoas que conquistei e que me conquistaram nestes anos de graduação: **Vimacy, Padre, Orlando, Júnior, Washington, Jerônimo, Fábio** (in memoriam), **D. Lourdes e família, Adilson**, agradeço pelos momentos alegres que passamos juntos.

Ao meu amigo **Petley**, que me ajudou (e muito) na coleta de dados.

Aos **funcionários** que realmente me ajudaram quando precisei.

A todos os **entrevistados** que dedicaram seu tempo as minhas interrogações.

A todos aqueles que porventura tenha esquecido de citar seus nomes e que contribuíram, direta ou indiretamente, para a realização deste trabalho e em minha graduação.

Meu muito obrigado!

SUMÁRIO

	Página
LISTA DE TABELAS	ix
LISTA DE FIGURAS	x
RESUMO	xi
SUMMARY	xii
1. INTRODUÇÃO	1
1.1 Plantas Medicinais.....	1
2. OBJETIVOS	3
2.1 Geral.....	3
2.2 Específicos.....	3
3. REVISÃO DE LITERATURA	4
3.1 História das Plantas Medicinais.....	4
3.2 Etnobotânica.....	6
4. MATERIAL E MÉTODOS	11
4.1 A região de estudo.....	11
4.1.1 Município de São Mamede.....	11
4.2 Seleção da área.....	12
4.3 Escolha dos informantes.....	13
4.4 Coletas de dados e método etnobotânico empregado.....	13
4.5 Coleta do material botânico.....	14
4.6 Identificação das espécies coletadas.....	14
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO	16
5.1 Sobre os informantes de São Mamede.....	16
5.2 Hábito das plantas.....	26
5.3 Aspectos culturais de interação com os recursos vegetais da caatinga.....	27
5.4 Frequência das espécies vegetais por famílias botânicas.....	27
5.5 Plantas mais citadas.....	28
5.6 Descrição botânica de algumas espécies citadas pelos informantes....	29
6. CONCLUSÕES	33
7. REFERÊNCIAS	34
APÊNDICES	40

LISTA DE TABELAS

	Página
Tabela 1. Espécies de plantas utilizadas pela comunidade no município de São Mamede com suas respectivas famílias, nomes vulgares, partes usadas, formas de uso e indicação.....	22

LISTA DE FIGURAS

	Página
Figura 1. Local de trabalho. Município de São Mamede, Estado da Paraíba, nordeste do Brasil.....	12
Figura 2. Distribuição dos informantes do município de São Mamede - PB por sexo e faixa etária.....	16
Figura 3. Distribuição dos informantes por tempo de residência em São Mamede - PB.....	17
Figura 4. Percentual do grau de instrução dos informantes de São Mamede - PB.....	18
Figura 5. Herança do conhecimento das espécies medicinais pelos informantes.....	18
Figura 6. Tempo de uso de plantas medicinais pelos informantes de São Mamede - PB.....	19
Figura 7. Partes da planta utilizadas nas preparações das espécies medicinais no Município de São Mamede - PB.....	20
Figura 8. Modo de preparo das espécies pela comunidade de São Mamede - PB.....	20
Figura 9. Procedência das plantas medicinais utilizadas pela comunidade de São Mamede - PB.....	21
Figura 10. Freqüência relativa das espécies medicinais por família botânica, empregadas nas preparações de medicamentos na comunidade de São Mamede - PB.....	28

SILVA, Cecília Chaves. **Levantamento Etnobotânico de plantas medicinais em área de caatinga no município de São Mamede, Paraíba, Brasil.** 2008. Monografia (Graduação) Curso de Engenharia Florestal. CSTR/UFCG, Patos-PB, 2008.

LEVANTAMENTO ETNOBOTÂNICO DE PLANTAS MEDICINAIS EM ÁREA DE CAATINGA NO MUNICÍPIO DE SÃO MAMEDE, PARAÍBA, BRASIL.

RESUMO - Foi realizado um levantamento das espécies medicinais utilizadas pela comunidade de São Mamede, para resgatar e preservar o conhecimento popular. A metodologia usada foi a de entrevistas semi-estruturadas, com observações participantes, resultando em uma lista de 46 espécies pertencentes a 31 famílias. São fornecidas as seguintes informações dessas espécies: nomenclatura popular e botânica, uso terapêutico, parte utilizada, forma de uso, modo de preparo e doenças tratadas. A folha (60%) foi a parte mais utilizada, e a forma de preparo foi o chá (58%). O conhecimento sobre os usos e os modos de preparo provêm, em geral, dos familiares (97%). Com estes resultados, verifica-se a interação da população local com a flora e sua utilização relacionada a aspectos sociais, econômicos, culturais e às mudanças ambientais.

Palavras-chave: etnobotânica, flora da caatinga, São Mamede.

SILVA, Cecília Chaves. **Ethnobotanical survey of medicinal plants in the caatinga region of São Mamede municipality, in Paraíba, Brazil.** 2008. Monograph (Graduation) Course in Forest Engineering. CSTR/UFCG, Patos-PB, 2008.

ETHNOBOTANICAL SURVEY OF MEDICINAL PLANTS IN THE CAATINGA REGION OF SÃO MAMEDE MUNICIPALITY, IN PARAÍBA, BRAZIL.

SUMMARY - A survey on medicinal plants used by people in the community of São Mamede was carried out with the objective to rescue and register the traditional knowledge on this matter. The survey was based on semi-structured interviews that allowed interviewee's observations. The collected data showed that 46 species from 31 botanical families of medicinal plants were used in that community. The following information was gathered and reported: vernacular and botanical plant identification, therapeutic use, form of use, method of preparation, part(s) of the plant used, and the disease treated. Leaves were the most commonly used part of these plants (60%), and tea was the main method of preparation and administration (58% of the cases). Also, people's knowledge on medicinal plants, regarding uses and proper manipulation, was handed down from family tradition (97%). These data show the existence of interaction of the local population with the regional flora, and highlight the effects of the flora utilization on the social, economic, cultural and environmental issues of the community.

Keywords: ethnobotanical, flora of caatinga, São Mamede.

1 INTRODUÇÃO

1.1 Plantas Medicinais

O uso das espécies vegetais com fins de tratamento e cura de doenças e sintomas remonta ao início da civilização, desde o momento em que o homem despertou para a consciência e começou um longo percurso de manuseio, adaptação e modificação dos recursos naturais para seu próprio benefício. Esta prática milenar, atividade humana por excelência, ultrapassou todas as barreiras e obstáculos durante o processo evolutivo e chegou até os dias atuais, sendo amplamente utilizada por grande parte da população mundial como fonte de recurso terapêutico (MATOS, 1989).

No século XX, principalmente depois da 2ª Grande Guerra, a medicina tornou-se bastante sofisticada e, com os avanços nas pesquisas na área da saúde, houve um aumento dos remédios produzidos a partir de plantas, em sua maioria de forma sintética ou com substâncias isoladas de seres vivos. Esses remédios só foram produzidos após experimentos científicos, testes toxicológicos e clínicos, realizados durante anos em animais de laboratório, com a finalidade de acumular uma quantidade de informação altamente detalhada e específica para permitir a utilização sem riscos das drogas em seres humanos (LANDMANN, 1989).

A utilização de plantas medicinais como prática tradicional ainda existe entre os povos de todo o mundo, sendo mais evidente nos países em desenvolvimento, onde a maior parte da população pobre não tem acesso aos medicamentos de farmácia (CARRICONDE, 2002). Mesmo em países industrializados, como os Estados Unidos, cerca de 25% de todos os medicamentos prescritos, dispensados por farmácias comunitárias entre 1959 e 1980, continham substâncias ativas oriundas de plantas superiores (FARNSWORTH & SOERJATO, 1985; MARTINS *et al.* 2000).

O aumento no uso de plantas como fonte de medicamentos tem levado diversos países a formular estratégias para o uso das plantas medicinais. A Organização Mundial de Saúde (OMS), na sua 31ª Assembléia, recomendou aos países membros que desenvolvessem pesquisas visando à utilização da flora nativa com propósito terapêutico (FARNSWORTH & SOERJATO, 1985).

Associada à diversidade de plantas, está também à diversidade cultural, que no caso de plantas medicinais assume um papel importante, pois é do conhecimento tradicional, oriundo de diversas populações em todo o mundo, que resultaram inúmeros medicamentos hoje utilizados na medicina ocidental. Estudos realizados por Farnsworth & Soerjato (1985) indicaram que cerca de 75% das 121 drogas mais utilizadas na medicina ocidental foram provenientes de informações de populações tradicionais. Medicamentos amplamente utilizados, como a emetina, a vincristina, o quinino, o curare, a diosgenina, a pilocarpina, cocaína, dentre outros, talvez nem estivessem em uso na medicina moderna se não fosse o uso tradicional que comunidades locais faziam delas desde tempos remotos.

“As plantas medicinais brasileiras não curam apenas, fazem milagre”. Com esta célebre frase, C.F.Von Martius (*apud* Martins *et al.* 2000) expressou bem a capacidade de nossas ervas medicinais. É bem provável que das cerca de 200.000 espécies vegetais que possam existir no Brasil, na opinião de alguns autores, pelo menos a metade pode ter algumas propriedades terapêuticas úteis à população, mas nem 1% dessas espécies foi motivo de estudos adequados. Para Martins *et al.* (2000) as pesquisas sobre essas plantas devem receber apoio total do poder público, destacando também a importância da preservação dos ecossistemas onde existam tais espécies.

Segundo Carriconde (2002) o futuro da medicina está nas ervas medicinais, pois os núcleos terapêuticos já não respondem de uma forma eficaz às necessidades do mercado. Soma-se a isto a ineficácia das drogas químicas usadas atualmente nos tratamentos do câncer e demais patologias degenerativas, que tornam urgente a busca de novos núcleos terapêuticos.

No Estado da Paraíba o uso de plantas medicinais com fins terapêuticos ainda é bastante comum, principalmente no meio rural e no urbano de baixo poder aquisitivo. Estima-se que cerca de 300 espécies sejam empregadas com fins medicinais em todo Estado (AGRA, 1980; AGRA & BARBOSA-FILHO, 1990; AGRA & SILVA, 1993). 9

Assim sendo, estudos etnobotânicos nesta região muito contribuem para resgatar os conhecimentos e conceituações desenvolvidas pelas comunidades a respeito do mundo vegetal bem como o uso que se dá a elas, visando melhores condições de qualidade de vida da população. 10

2 OBJETIVOS

2.1 Geral

Realizar estudos Etnobotânicos sobre plantas medicinais em São Mamede, resgatando o conhecimento etnobotânico no contexto sócio-econômico e ambiental.

2.2 Específicos

- Resgatar o conhecimento da comunidade sobre plantas medicinais e descrever os aspectos botânicos das espécies citadas pela comunidade de São Mamede.
- Verificar a origem e uso dessas plantas medicinais.
- Elaborar um catálogo dessas plantas medicinais, forma de uso e administração.

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 História das Plantas Medicinais

É provável que a utilização das plantas medicinais como medicamento seja tão antigo quanto o próprio homem. Numerosas etapas marcaram a evolução da arte de curar, porém, torna-se difícil delimitá-las com exatidão, já que a medicina esteve por muito tempo associada a práticas mágicas, místicas e ritualistas. Consideradas ou não seres espirituais, as plantas, por suas propriedades terapêuticas ou tóxicas, adquiriram fundamental importância na medicina popular (MARTINS *et al.* 2000).

As primeiras informações detalhadas sobre plantas medicinais e seus usos provêm da China, 2.500 a 3.000 a.C., onde o imperador Sheng-Nung se utilizou de seu corpo para sentir os efeitos produzidos por diversas plantas e escreveu o tratado sobre o uso medicinal de mais de 300 espécies, chamado PEN TSÃO, livro das ervas (BRAGANÇA, 1996). Desde 2.300 a.C., os egípcios, assírios e hebreus cultivavam diversas ervas e traziam de suas expedições tantas outras. Com estas plantas, chegavam a criar purgantes, vermífugos, diuréticos, comestíveis e especiarias para a cozinha, além de líquidos e gomas utilizados no embalsamamento de múmias (MARTINS *et al.* 2000; FERNANDES & FERREIRA, 1997).

Na antiga Grécia, as plantas e o seu valor terapêutico ou tóxico era muito conhecido. Hipócrates (460-377 a.C.), denominado o "Pai da Medicina", reuniu em sua obra "Corpus Hipocratium" a síntese dos conhecimentos médicos de seu tempo, indicando para cada enfermidade o remédio vegetal e o tratamento adequado (FERNANDES & FERREIRA, 1997; MARTINS *et al.* 2000).

Na Idade Média, a medicina e o estudo das plantas medicinais se estagnaram por um longo período. Os eventos históricos que surgiram na Europa, como a ascensão e queda do Império Romano e o fortalecimento da Igreja Católica, exerceram enorme influência sobre todo o conhecimento existente na época, incluindo-se aqui as informações acerca de plantas medicinais. Foi assim que as obras de Dioscórides, Columela, Galeno e Plínio tornaram-se consulta obrigatória, ocorrendo, ainda, o triunfo da "Medicina dos Signos", que postulava a cura de determinadas partes do corpo por meio de plantas que lhe fossem semelhantes (MARTINS *et al.* 2000). Esta teoria caiu em descrédito a partir da dissociação da

botânica com a medicina (DE-LA-CRUZ-MOTA & GUARIM NETO, 1996). A elaboração dos elixires da longa vida, a busca de plantas com virtudes afrodisíacas e miraculosas foram à base europeia para as ciências como botânica, química e medicina (BERG, 1993).

A flora da América e da África foi sendo descoberta através da expansão dos domínios europeus. Também os Astecas, Maias e Incas, contribuíram com plantas alucinógenas, psicotrópicas e outras, usadas em rituais curativos e mágico-religiosos, como por exemplo, a coca (*Erythroxylum coca* Lamk.).

No Brasil a flora tem sido objeto de estudo desde os tempos da colonização. A utilização de plantas no Brasil para o tratamento de doenças apresenta, basicamente, influências da cultura indígena, africana e europeia (MARTINS *et al.* 2000). É inegável a contribuição das sociedades indígenas. Antes mesmo do descobrimento do Brasil, os índios utilizavam urucum para pintar e proteger o corpo das picadas de insetos, e várias plantas para a cura de doenças e para pesca. Acreditando em fatores sobrenaturais, os pajés associavam as plantas aos rituais de magia e seus tratamentos eram passados oralmente por meio das gerações (BRAGANÇA, 1996).

A influência africana é pouco conhecida, mas não menos relevante. Para os negros, quando alguém adoecia é porque estava possuído pelo espírito mal, e um curandeiro se encarregava então de expulsá-lo por meio de exorcismo e pelo uso de drogas, muitas vezes também de origem animal (RODRIGUES, 1998; MARTINS *et al.* 2000).

A influência europeia, por sua vez, teve início no Brasil com a vinda dos padres da Companhia de Jesus, chefiada por Nóbrega, em 1579, os quais chegaram com Tomé de Souza, com a finalidade de catequizar os índios. Formularam receitas chamadas 'Boticas dos Colégios', a base de plantas para o tratamento de doenças, iniciando-se assim a assistência hospitalar no Brasil (BRAGANÇA, 1998; MARTINS, 2000).

De origem europeia é a maioria das ervas medicinais utilizadas usualmente, e, embora não sendo nativas, grande parte delas se reproduz espontaneamente e forma genótipos ou variedades distintas daquelas que vieram com os europeus durante a colonização (MARTINS *et al.* 2000). Como exemplos têm-se a colônia (*Alpinia speciosa* L.), a erva-cidreira (*Lippia alba* Mill), a hortelã grande (*Plectrantus amboinicus* Lour.), a hortelã homem (*Plectrantus barbatus* Benth.), a hortelã miúda

(*Mentha x villosa* Hudds.), o manjeriço (*Ocimum basilicum* L.), a romã (*Punica granatum* L.), o alecrim (*Rosmarinus officinalis* L.), a arruda (*Ruta graveolens* L.) e o gengibre (*Zingiber officinale* R.) (MATOS, 1998; CARRICONDE, 2002).

Entre os estudos já realizados enfocando o potencial medicinal da flora paraibana, vale ressaltar as contribuições de Agra (1996), Agra *et al.* (1994, 1996), Baracho & Agra (1995), Agra & Barbosa Filho (1990) e Cabral & Agra (1998). Os referidos autores realizaram um levantamento da flora medicinal em alguns municípios da Paraíba e efetuaram triagem fitoquímica, estudos etnomedicinais e farmacobotânicos de plantas da caatinga paraibana.

3.2 Etnobotânica

O termo Etnobotânica foi empregado pela primeira vez por Harshberger, em 1895, para designar o estudo sobre a utilização dos vegetais pelos aborígenes, mas na realidade, desde a antiguidade o homem se preocupou em analisar e catalogar os diversos usos das plantas, que embora não o tenha definido, apontou maneiras pelas quais ele poderia servir à investigação científica (JONES, 1941; AMOROZO, 1996).

Segundo Martin (1995) o prefixo **Etno** indica o modo como às pessoas olham o mundo. Quando usado ligado ao nome de uma disciplina, indica que pesquisadores desses campos buscam as percepções locais dentro desse enfoque acadêmico.

Durante muito tempo, a investigação etnobotânica era conhecida como sinônimo da botânica econômica, tendo sua história paralela à evolução da botânica sistemática e econômica. Observações relativas ao uso de plantas por culturas diferentes da européia, aparentemente exóticas, eram feitas por exploradores, comerciantes, missionários, antropólogos e botânicos, constituindo desta forma as raízes da Etnobotânica enquanto disciplina acadêmica (JORGE, 2001). Inicialmente os estudos se preocupavam apenas em catalogar os usos das plantas utilizadas pelos povos indígenas ao redor do mundo. Prance (1985) lembra que foi com os trabalhos de Carolus Linnaeus que a história da botânica e da etnobotânica teve início; segundo o autor, Linnaeus enviava seus alunos para diversas partes do mundo de onde traziam grande número de espécies novas, como também dados referentes às culturas visitadas, os costumes dos habitantes e o modo como

utilizavam as plantas. Os diários de viagens continham riqueza de dados etnobotânicos.

Em 1887, Stephen Powers usou o termo "Botânica Aborígine" para descrever o estudo de todas as formas do mundo vegetal usadas pelos aborígenes. Numerosos trabalhos semelhantes a este foram realizados, o que levou aos primeiros estudos de etnobotânica com grupos étnicos individuais (JORGE, 2001).

Segundo Martin (1995), a etnobotânica é parte da etnoecologia que trata das relações com as plantas. Etnoecologia é o estudo que descreve as interações de populações locais com o ambiente natural.

Maciel *et al.* (2002) cita a etnobotânica como o caminho alternativo que mais evoluiu nos últimos anos para a descoberta de produtos naturais bioativos.

Com o desenvolvimento das ciências naturais e, posteriormente da antropologia, o estudo das plantas e seus usos por diferentes grupos humanos passou a ter outra visão.

Atualmente, esta ciência busca não só registrar o uso dos vegetais, mas também as formas de manejo que as comunidades tradicionais realizam para obter e manter os recursos que necessitam. Estuda, assim, a total interação entre comunidades tradicionais e a vegetação ao seu redor (MARTIN, 1995); as inter-relações planta/homem, integrados num dinâmico ecossistema de componentes naturais e sociais (ALCORN, 1995); o estudo das relações mútuas entre plantas e culturas humanas, como as plantas são classificadas, nomeadas, usadas e manejadas, e como a sua exploração pelo homem influencia a sua evolução (COTTON, 1996); ou ainda, a totalidade de emprego das plantas numa determinada cultura (FORD, 1986).

Em 1967, Schultes amplia o conceito para as relações entre o homem e a vegetação de seu ambiente. Em sua pesquisa eram incorporados, sempre que possíveis dados botânicos, antropológicos, químicos e farmacêuticos. Também começou a escrever a importância de conservar os dados etnobotânicos das regiões, visto que as guerras, o aumento dos interesses comerciais, o turismo, entre outros fatores, poderiam levar ao desaparecimento dessas culturas (PLOTKIN, 1995).

Xolocotzi (1982) definiu a etnobotânica como o campo científico que estuda as interações que se estabelecem entre o ser humano e as plantas através do tempo e em diferentes ambientes.

Jain (1987 *apud* MING & AMARAL JÚNIOR, 2005), ampliou conceito, abrangendo todos os aspectos da relação do ser humano com as plantas, seja de ordem concreta (uso material, conservação, uso cultural, desuso) ou aberta (símbolos de culto, folclore, tabus, plantas sagradas). Por causa dessa abrangência, a prática da etnobotânica necessita de uma elaboração e colaboração interdisciplinar.

Prance (1991) enfatiza que a participação de pesquisadores das áreas da botânica, antropologia, ecologia, química, engenharia florestal e agronomia possibilitam maiores progressos nas pesquisas etnobotânicas, abordando de maneira múltipla como o homem percebe, classifica e utiliza as plantas.

Baseada na definição dada por Posey (1987) para Etnobiologia, Amorozo (1996) define a Etnobotânica como a disciplina que se ocupa do estudo do conhecimento e das conceituações desenvolvidas por qualquer sociedade a respeito do mundo vegetal, englobando tanto a maneira como um grupo social classifica as plantas, como os usos que dá a elas.

Por meio da análise qualitativa e cronológica dos trabalhos realizados, pode-se observar que houve uma evolução conceitual e metodológica a respeito da etnobotânica. Atualmente, a etnobotânica quantitativa passa a fazer parte da abordagem, como complementação dos estudos. Prance (1995) comenta que este tipo de pesquisa se tornará o futuro da etnobotânica. Também Albuquerque (2002) cita a necessidade de quantificação dos dados nos estudos etnobotânicos e alerta para discussões sobre os direitos de prioridade intelectual e o retorno dos benefícios da investigação etnobotânica para as comunidades estudadas.

A prática da Etnobotânica recebeu diferentes enfoques com o passar do tempo, cada qual refletindo a formação acadêmica dos pesquisadores envolvidos. Sendo de natureza interdisciplinar, permitiu e permite agregar colaboradores de diferentes ciências, com enfoques diversos, como o social, cultural, da agricultura, da paisagem, da taxonomia popular, da conservação de recursos genéticos, da lingüística e outros. Com isto vem ganhando prestígio cada vez maior nos últimos anos e implicações ideológicas, biológicas, ecológicas e filosóficas dão respaldo ao seu crescente progresso metodológico e conceitual (JORGE & MORAIS, 2003).

Atualmente, com base nos trabalhos já realizados, pode-se entender a etnobotânica como sendo o estudo das inter-relações (materiais ou simbólicas) entre o ser humano e as plantas, devendo-se somar a este os fatores ambientais e

culturais, bem como os conceitos locais que são desenvolvidos com relação às plantas e ao uso que se faz delas (JORGE & MORAIS, 2003).

Os trabalhos etnobotânicos no Brasil foram, em grande maioria, realizados em tribos indígenas, principalmente na Amazônia e outras regiões do país abordaram os usos que os índios faziam dos vegetais, fazendo levantamento e registros dos mesmos e das formas de utilização dado pela histórica relação dessas comunidades com a floresta tropical. Assim, Prance (1972) realizou um estudo comparativo com quatro tribos, os Dení, os Jamamadí, os Macú e os Waiká, registrando as espécies silvestres e cultivadas utilizadas por eles para diversos fins; observou uma grande diversidade de recursos usados por essas tribos na alimentação, como veneno para caça e pesca, como narcóticos, materiais de construção, medicinais, pinturas corporais, entre outros. Por causa dessa riqueza de conhecimento por parte das comunidades indígenas, outros tipos de comunidades ficaram como que desprezadas durante um período, sem interessar aos etnobotânicos.

Segundo Silva (1997) os trabalhos de etnobotânica têm se limitado à região Norte do país. Albuquerque & Andrade (2002) ressaltaram ainda, que ecossistemas como Mata Atlântica e Caatinga são ainda pobres em investigação da relação seres humanos/natureza.

Para o Nordeste poucas pesquisas têm sido realizadas junto a comunidades, destacando-se nesta área, o trabalho de Sales & Lima (1985) que realizaram o levantamento das plantas utilizadas para diversos fins na microrregião de Soledade, Paraíba, em áreas de caatinga. As espécies foram identificadas de acordo com as formas de uso, das quais as principais foram medicinais (88%), combustível (80%) e alimentícia (35%). Foi calculado também o percentual de uso das espécies citadas, destacando-se a "catingueira" (*Caesalpinia pyramidalis*), com 95% para várias formas de uso.

Albuquerque & Andrade (2002) estudaram o conhecimento botânico e tradicional em uma comunidade rural situada no município de Alagoinha, agreste do Estado de Pernambuco. Foi empregada uma boa variedade de métodos de pesquisa, incluindo levantamentos florísticos em sistemas agroflorestais e em vegetação natural. As pessoas identificaram e/ou usam mais de 180 espécies de plantas distribuídas em 10 categorias: comida, medicinal, madeira (para combustível,

construção etc.), uso doméstico (tecnologia), forragem, veneno, repelente de inseto, ornamentação, sombra e místico.

Paula (2003) realizaram estudos etnobotânicos de plantas de uso medicinal na comunidade da região arqueológica de Central - Bahia. Foram indicadas 61 espécies distribuídas em 32 famílias, onde a predominância das Leguminosae (24,57%) se atesta com 8,19% para cada subfamília (Papilionoideae, Caesalpinoideae e Mimosoideae) e Euphorbiaceae com 8,19%.

Visando contribuir para o preenchimento desta lacuna no conhecimento etnobotânico do Nordeste, neste trabalho realizou-se um estudo das plantas medicinais na comunidade de São Mamede, no semi-árido paraibano, uma das áreas mais secas do país (TRICART, 1959).

Reconhecendo a importância da caatinga para a região, e a necessidade de maior conhecimento sobre sua flora, o estudo etnobotânico realizado nesta localidade buscou resgatar o conhecimento dos moradores sobre as plantas medicinais, que fazem parte do seu ambiente cotidiano e de sua história de vida.

A realização deste estudo contribui para o resgate e manutenção do conhecimento botânico tradicional no sertão paraibano, nordeste do Brasil, o saber popular sobre as plantas e seus usos, assim como da identidade social e cultural da comunidade estudada. Finalmente, as informações aqui apresentadas poderão servir de base para novos estudos etnobotânicos, a serem realizados em outras comunidades do sertão paraibano e ecossistemas associados.

4 MATERIAL E MÉTODOS

4.1 A região de estudo

4.1.1 Município de São Mamede

- **Localização geográfica**

Este trabalho foi desenvolvido no município de São Mamede que ocupa uma área de 531 quilômetros quadrados, e situa-se na Microrregião do sertão paraibano na porção central do Estado Paraíba. É limitado ao norte pelos municípios de Ipueira (RN) e São José de Espinharas (PB); ao sul, pelos de Passagem e Areia de Baraúnas (PB); a leste, pelos municípios de Santa Luzia e Várzea (PB); a oeste, pelos municípios de Patos e Quixabas (PB). Distancia-se 278,5 quilômetros de João Pessoa (Figura 1). A Sede Municipal, a 210 metros de altitude, tem sua posição geográfica determinada pelo paralelo de 6°5'53" de latitude sul em sua interseção com o meridiano de 37°19'35" de longitude oeste (IBGE, 2007).

- **Relevo e Censo demográfico**

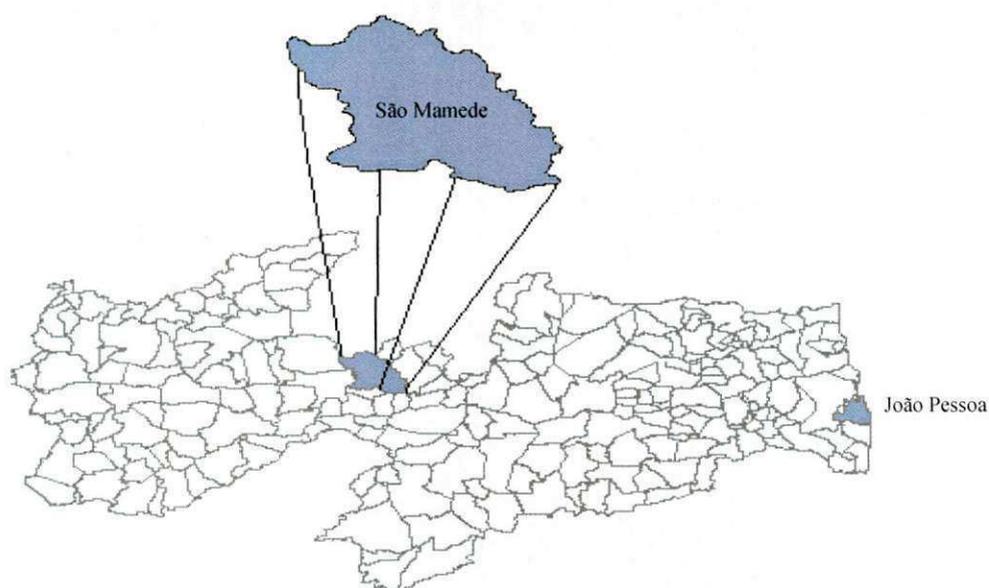
O município de São Mamede situado na microrregião do sertão paraibano ocupa uma área de 609,9 Km² e uma população de 8.020 habitantes, dos quais 2.451 (30,56%) residem na zona rural e 5.569 (69,44%) residem na zona urbana (IBGE, 2007).

- **Clima**

Apresenta características climáticas complexas, o clima do município é megatérmico, do tipo muito quente e semi-árido. Sob efeito da baixa latitude, a temperatura média anual é elevada, em torno de 24°C, com amplitude térmica anual entre 4°C e 6°C. O clima se destaca, sobretudo, por estação pouco chuvosa, com início normalmente em janeiro e prolongando-se até maio.

- **Vegetação**

A vegetação se constitui um dos principais recursos naturais renováveis, arborescente e xérica, espinhenta que apresenta as seguintes características gerais: árvores e arbustos quase sempre espinhosos, desfolhados na estação seca, quando a vegetação assume um aspecto monótono e acinzentado muito característico; presença de plantas suculentas; presença de bromeliáceas terrestres, muitas coriáceas e espinhentas ervas anuais e cactáceas (IBGE, 2007).



Fonte: Diagnóstico do município de São Mamede. MME. 2005.

Figura 1. Local de trabalho. Município de São Mamede, Estado da Paraíba, nordeste do Brasil.

4.2 Seleção da área

A escolha do município como área de trabalho deve-se a facilidade de acesso e por outras pesquisas também realizadas em municípios circunvizinhos voltadas a etnobotânica ampliando assim a área de conhecimento popular sobre o uso de plantas especialmente as medicinais, para a formação da cultura local, constituindo a base da medicina popular. A comunidade tanto rural como urbana mantém práticas tradicionais e forma de vida voltadas ao uso e preservação dos recursos naturais da região.

4.3 Escolha dos informantes

A escolha dos informantes foi feita com ajuda dos próprios moradores, por meio de uma reunião realizada na comunidade. Como critérios de seleção, considerou-se o tempo de moradia no local, bem como a precisão e profundidade de seus conhecimentos sobre plantas medicinais. No município de São Mamede foram selecionados informantes da zona urbana e rural da cidade através de alguns critérios estabelecidos para a escolha dos mesmos, como sugere Amorozo (1996):

- maiores de 18 anos;
- efetivos residentes nas comunidades;
- tempo que residem na região;
- disponibilidade para participar da pesquisa;
- dias pré-estabelecidos para as entrevistas.

4.4 Coletas de dados e método etnobotânico empregado

Inicialmente foi feita uma reunião com alguns os moradores da comunidade, onde a proposta do trabalho de pesquisa foi apresentada. Durante a apresentação houve uma grande receptividade, bem como interesse dos mesmos em ajudar o tempo que necessário para a coleta de dados. De acordo com De-la-Cruz-Motta (1997), este é um fator positivo para o sucesso dos trabalhos, pois o pesquisador já é introduzido na comunidade com referência feita por pessoas de confiança. Foram pesquisados os arquivos do IBGE para obtenção dos registros do município.

As coletas de informações desenvolveram-se com base nos pressupostos e recomendações de Martin (1995), Alexiades (1996), Amorozo (1996), Di Stasi (1996), Ming (1996) e De-la-Cruz-Motta (1997), incluindo o contato com os informantes, realização de entrevistas, observação do participante (história de vida) e itinerário percorrido junto aos informantes.

Os dados foram coletados de setembro de 2006 a julho de 2007, com emprego de um questionário elaborado, abordando aspectos sociais, culturais e usos de plantas com fins medicinais. No município de São Mamede foram entrevistados 40 informantes na zona rural e urbana, e as informações eram registradas em caderneta de campo.

Segundo De-la-Cruz-Motta (1997), na técnica da observação participante o pesquisador deve ter em mente o que busca a conhecer sem afastar-se do seu objetivo. A história de vida dos membros da comunidade é levada em conta. Nesse momento o pesquisador passa a participar de reuniões locais, das festas, dos rituais religiosos, das atividades diárias dos moradores. Por meio do resgate de informações cotidianas, tenta-se compreender a realidade do grupo permitindo maiores investigações sobre a relação do ser humano com a natureza. É nesse momento em que o informante se sente à vontade para transmitir seus conhecimentos, esta é a hora de maior obtenção dos dados, pois ao demonstrar-se interesse por seus saberes, estimula-se a memória, e mais informações são relatadas.

A interação pesquisador-informante é muito importante. Acompanhá-los aos locais de coletas das plantas, observando a área, hábito, solo e coletando material botânico, faz parte da observação participante. É o momento de maior parceria entre ambos, onde os objetivos propostos pelo pesquisador são consolidados.

4.5 Coleta do material botânico

A coleta do material botânico foi realizada no momento e após as entrevistas, junto com o informante, com a obtenção das partes vegetativas e, quando possível, das reprodutivas. As coletas foram efetuadas em lugares próximos às casas dos informantes e nos quintais, durante o percurso junto aos mesmos (MARTIN, 1995).

O material coletado foi prensado no local e etiquetado com as informações sobre a planta e do local de coleta. A seguir, as amostras foram secas em estufa a 60° C, posteriormente montado e etiquetado, seguindo-se as técnicas usuais para herborização encontradas em Forman & Bridson (1989).

4.6 Identificação das espécies coletadas

O material coletado encontra-se depositado no Herbário da Universidade Federal de Campina Grande, Campus de Patos que está em fase de implantação.

Os estudos morfológicos foram realizados para identificação das espécies com auxílio de chaves analíticas e diagnoses encontradas na bibliografia e por comparação com espécimes já identificadas por especialistas. Também se realizou

análises com os trabalhos de Agra (1980, 1996), Agra *et al.* (1994, 1996); Braga (1976); Corrêa (1926, 1978); Costa (1992); Lorenzi (1992, 1994, 1998), Lorenzi & Sousa (1995), Matos (1997, 1998).

De acordo com a planta citada por cada informante novas perguntas foram elaboradas, como: qual à parte da planta utiizada, modo de uso e preparo, aplicação terapêutica, dados ecológicos sobre a espécie.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 Sobre os informantes de São Mamede

- **Faixa etária e sexo dos informantes**

A idade dos informantes variou de 20 a 87 anos, a maioria acima de 50 anos, mostrando a importância dessa faixa etária na manutenção desse tipo de conhecimento. A presença de um percentual de 10-13% de informantes na faixa etária entre 20 e 30 anos mostra a possível continuidade da utilização de plantas medicinais nessa comunidade. O maior número de entrevistados pertenceu ao sexo feminino (75%) (Figura 2).

A maior concentração de mulheres entrevistadas foi atribuída, em parte, ao horário em que as visitas foram feitas (8:00 às 12:00 h e 14:00 às 15:00h), e pelo fato de que essas pessoas, em sua grande maioria, realizam somente trabalhos domésticos, não se distanciando de sua casa por tempo muito longo. Resultados similares foram obtidos por Rizzo *et al.* (1999), em Pirenópolis – GO, onde se observou que 90% dos entrevistados eram do sexo feminino e também na comunidade de Guamirim, município de Irati – PR, onde 83% dos entrevistados eram do sexo feminino (JACOBY *et al.* 2002).

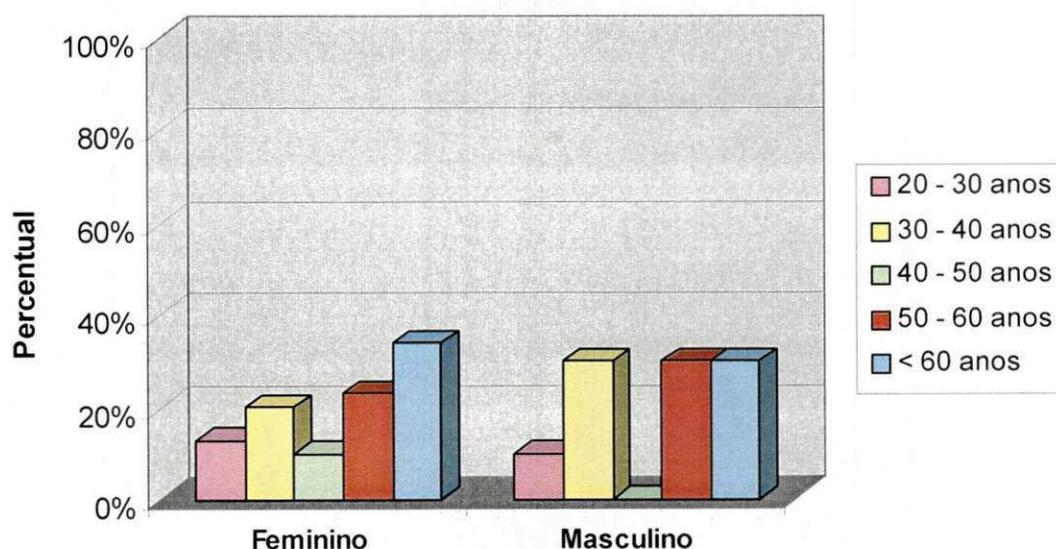


Figura 2. Distribuição dos informantes do município de São Mamede - PB por sexo e faixa etária.

- **Tempo de residência no local**

O tempo de residência dos informantes no local variou de 10 a 52 anos (Figura 3). A análise dos resultados apontados nos questionários revelou que os entrevistados são na sua maioria, são pessoas que moram a menos de 20 anos no local, mostrando que a chegada de novos habitantes à comunidade é muito grande.

Segundo Amorozo (1996), o tempo durante o qual uma determinada sociedade ocupa um ambiente é muito importante para estabelecer o nível de precisão e profundidade do conhecimento das plantas medicinais com propriedades terapêuticas.

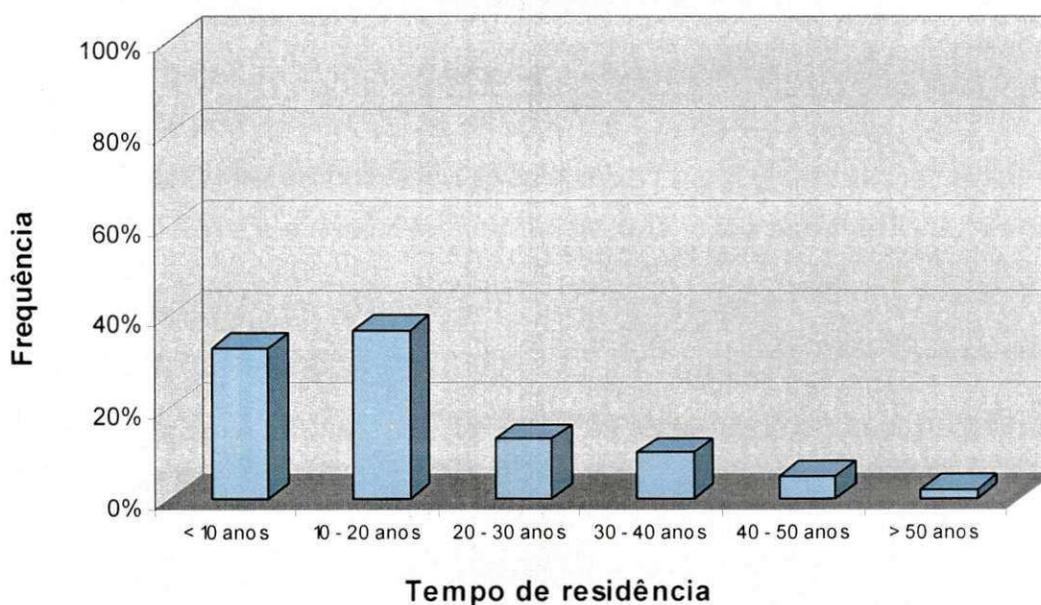


Figura 3. Distribuição dos informantes por tempo de residência em São Mamede - PB.

- **Grau de instrução e Religião**

Os dados acerca de alfabetização dos entrevistados indicaram que 3% são analfabetos, 65% não o são e 17% sabem ler e escrever pouco, enquanto que 15% sabe apenas assinar o nome (Figura 4).

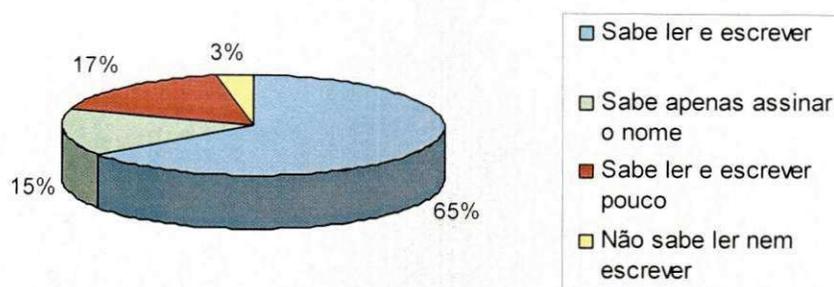


Figura 4. Percentual do grau de instrução dos informantes de São Mamede - PB.

- **Aprendizado sobre o uso de plantas medicinais: início e origem**

A maioria dos entrevistados (97%) afirmou que o aprendizado sobre o uso das plantas como medicamento foi adquirido por intermédio dos pais e avós (Figura 5), como afirma Diegues (1996 *apud* GUARIM NETO *et al.*, 2000) onde o uso dos recursos vegetais está fortemente presente na cultura popular que é transmitida de pais para filhos no decorrer da existência humana. Pode-se presenciar com facilidade em sociedades rurais e indígenas, nas quais o aprendizado é feito pela socialização no interior do próprio grupo doméstico e de parentesco (AMOROZO, 1996). Segundo Ming & Amaral Jr. (2005) o conhecimento transmitido de pai para filho, aliado à observação direta das atividades dos pais, é a forma mais tradicional de transferência das informações.

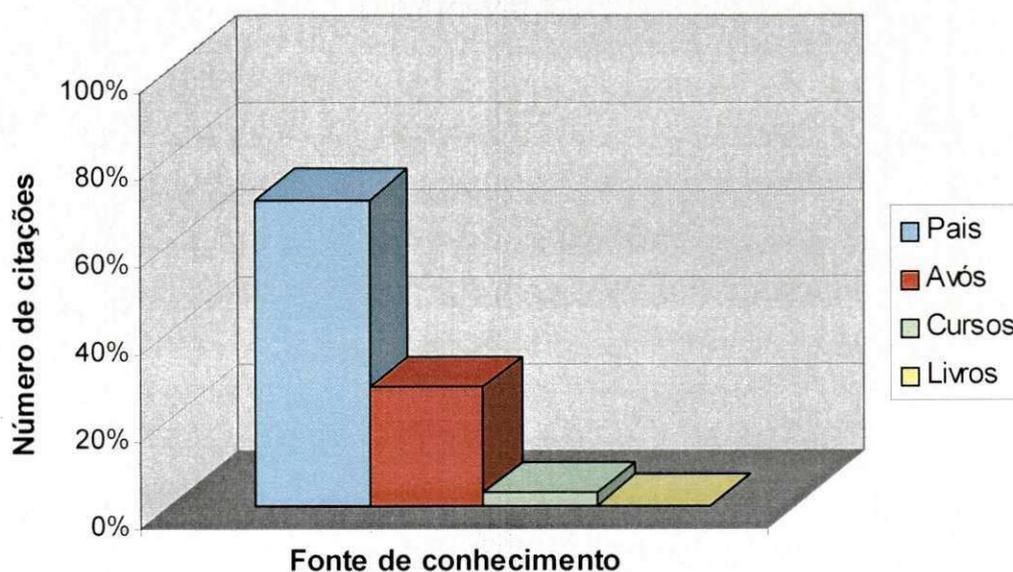


Figura 5. Herança do conhecimento das espécies medicinais pelos informantes.

- **Tempo que usa plantas medicinais**

A maioria dos informantes (50%) usa plantas medicinais há mais 40 anos, seguido do uso há menos de 20 anos com 30% (Figura 6). Desse modo a comunidade estudada utiliza a fitoterapia como forma de curar muitas doenças, relacionadas a sinais e sintomas apresentados e usam as plantas medicinais tanto para prevenção como por hábito.

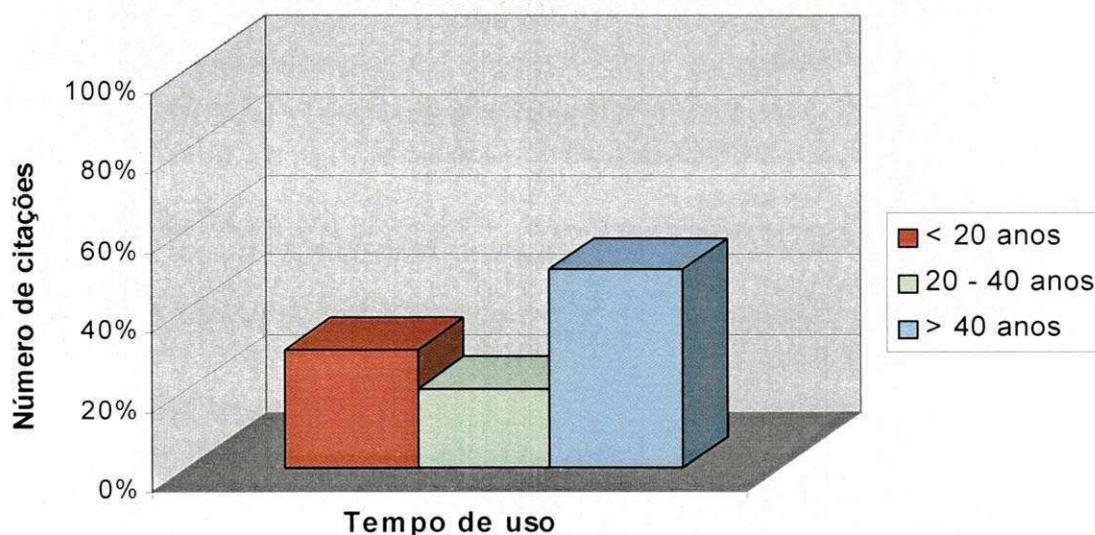


Figura 6. Tempo de uso de plantas medicinais pelos informantes de São Mamede - PB.

- **Partes da planta utilizada nas preparações das espécies**

Em relação à preparação dos remédios caseiros todas as partes da planta foram citadas: folhas, casca do caule, flor, raiz, semente e o fruto, sendo esse o menos citado. Embora casca do caule (25%) e flor (8%) seja muito utilizado, há um predomínio da utilização das folhas (60%), preparadas sob a forma de decocção e infusão, para uso interno (Figura 7).

O conhecimento dos informantes sobre o tema plantas medicinais é apenas uma pequena parcela daquele presente no semi-árido paraibano.

Agra (1996) em estudo realizado apenas na região dos Cariris Velhos registrou 222 espécies com potencialidades medicinais.

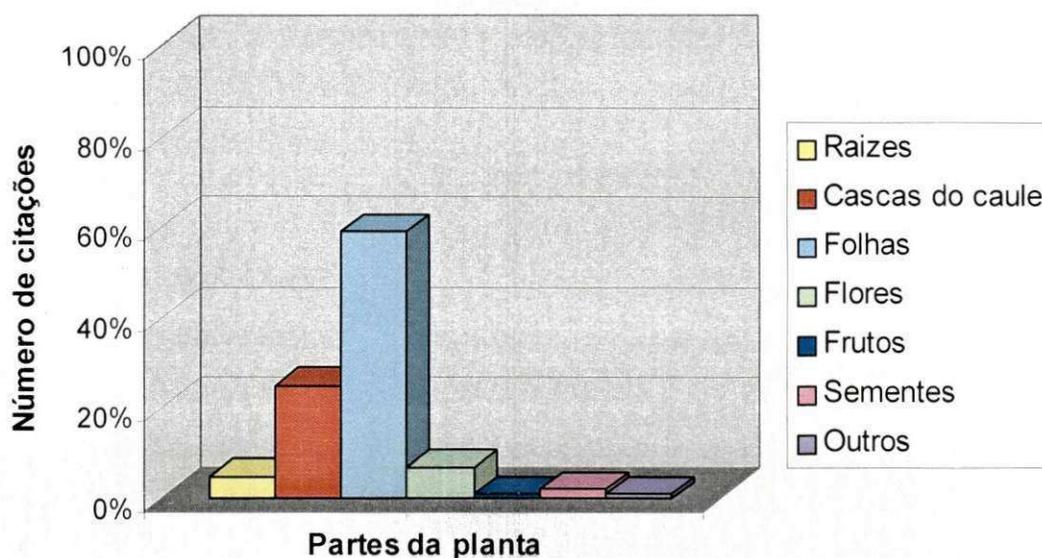


Figura 7. Partes da planta utilizadas nas preparações das espécies medicinais no Município de São Mamede - PB.

• Modo de preparo dos remédios

Os informantes indicaram diversas formas de preparo dos remédios: lambedor (xarope caseiro), chás por decocção e infusão, macerado em água, álcool, cachaça e vinho, banho de assento e compressas. Verificou-se índice mais elevado para preparação na forma de chá (58%), seguido de lambedor (28%) (Figura 8).

A comunidade usa o chá em forma de decocção e infusão. O lambedor é preparado colocando-se a parte da planta em contato com água fria; leva em seguida ao fogo, após a fervura, deixa atingir a coloração desejada, retira-se a planta, adiciona-se o açúcar e deixa-se no fogo até apurar.

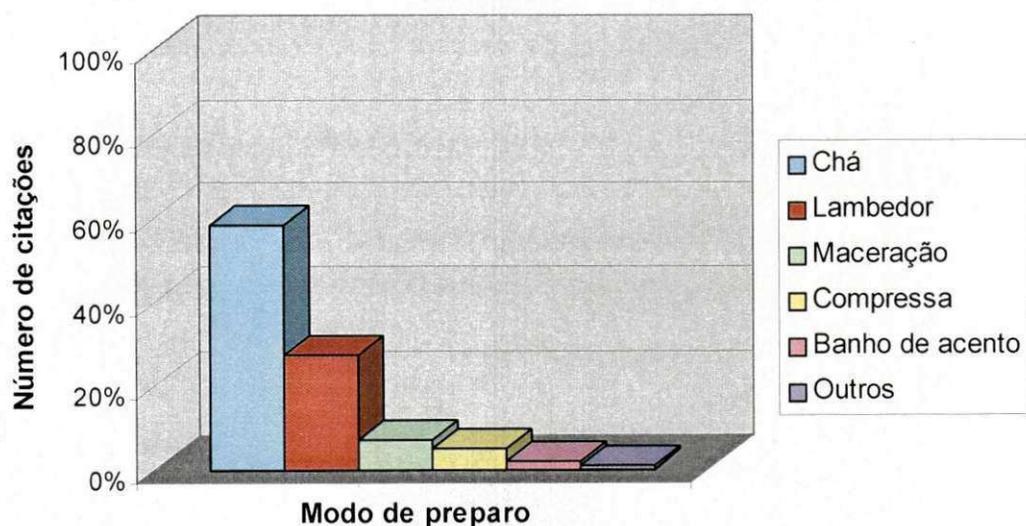


Figura 8. Modo de preparo das espécies pela comunidade de São Mamede - PB.

- **Obtenção das plantas**

A comunidade estudada mostra um grande interesse quanto ao cultivo das plantas medicinais, tendo alcançado o maior índice de citações (43%) o cultivo em casa ou em hortos. Em seguida vem a compra desses produtos (25%) e a obtenção por meio de vizinhos (17%). Mesmo em pequena quantidade a população tem livre acesso às plantas no seu habitat natural com 15% das obtenções, realçando a facilidade na obtenção das mesmas (Figura 9).

Segundo Xolocotzi (1982) o fato de grande parte dos informantes cultivarem as espécies consumidas indica a presença de bancos de germoplasma em hortas e quintais, contribuindo para a conservação das mesmas.

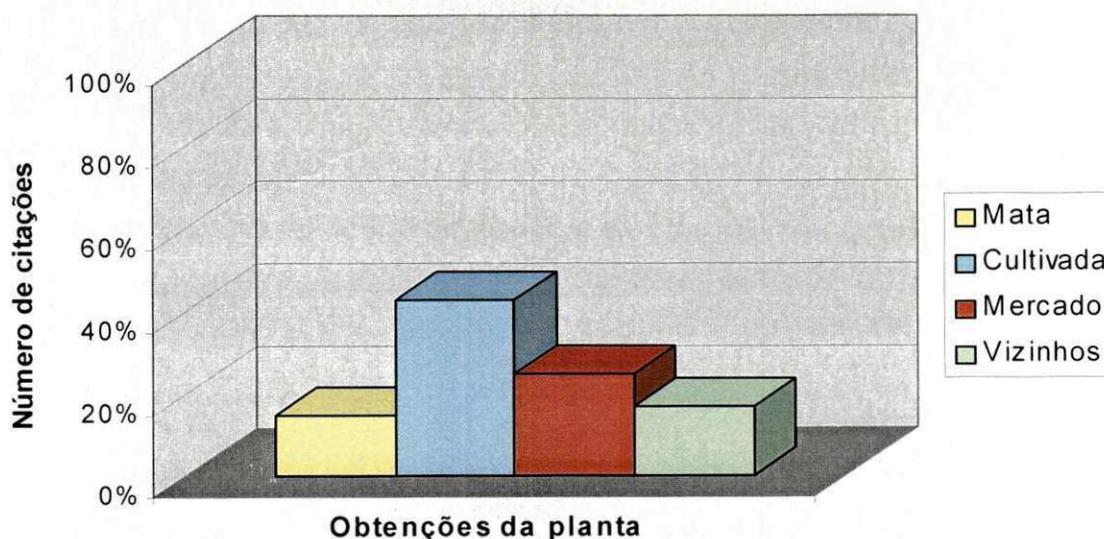


Figura 9. Procedência das plantas medicinais utilizadas pela comunidade de São Mamede - PB.

Tabela 1. Espécies de plantas utilizadas pela comunidade no município de São Mamede com suas respectivas famílias, nomes vulgares, partes usadas, formas de uso e indicação.

Família / Nome científico Nome vulgar	Parte usada	Forma de uso	Indicação
AMARANTACEAE			
<i>Gomphrena demissa</i> Mart. (capitãozinho)	raiz	infuso decocto	bronquite, béquico, anexite, problemas uterinos, aumentar a fertilidade feminina.
AMARYLLIDACEAE			
<i>Polygonum tuberosum</i> L. (angélica)	raiz	cataplasma	dor de ouvido.
ANACARDIACEAE			
<i>Anacardium occidentale</i> L. (cajueiro)	casca entrecasca folha raiz	infuso maceração decocto	antiinflamatório, vulnerário, afecções cutâneas.
<i>Myracrodruon urundeuva</i> Fr. All. (aroeira)	casca	infuso maceração banho de assento	antiinflamatório, béquico, bronquite, difteria, inflamação do colo do útero.
APIACEAE			
<i>Anethum graveolens</i> L. (endro)	folha flor sementes	decoção infusão compressas	flatulência, antivomitivo, digestivo, dor de dente, doenças hepáticas, soluços.
ASTERACEAE (Compositae)			
<i>Acanthospermum hispidum</i> DC. (espinho de cigano)	raiz planta inteira	infuso lambedor	expectorante, béquico, febrífugo, doenças hepáticas, vermífugo.
<i>Pectis oligocephala</i> (Gardner) Sch. Bip. (alecrim do mato)	planta inteira	infuso xarope	antigripal, sinusite.
<i>Egletes viscosa</i> (L.) Less. (macela)	flor semente	infuso	antidiarréico, azia, dispepsia.
<i>Helianthus annuus</i> L. (girassol)	folha semente	infuso	cordial, trombose, febrífuga, antinevrálgico, vulnerário, epistaxe, hipocolesterolmiante.
BIGNONIACEAE			
<i>Tabebuia impetiginosa</i> (Mart. Ex DC.) Standl. (ipê-roxo)	casca	maceração infuso decocto	antiinflamatório, uterino, leucorréia, gengivite, antimicrobiana, vulnerário

Continuação.

Família / Nome científico Nome vulgar	Parte usada	Forma de uso	Indicação
BOMBACACEAE <i>Pseudobombax marginatum</i> Mart. (embiratanha)	casca	maceração infuso	inflamação na coluna.
BRASSICACEAE <i>Nasturtium officinale</i> R. Br. (agrião)	caule folhas frescas	maceração compressas infusão	abscesso, cabelos, amenorréia, febrífugo, vulnerário, doenças hepáticas, béquico, expectorante.
BURSERACEAE <i>Commiphora leptophoeos</i> (Mart.) (imburana de espinho)	casca	infuso xarope maceração	bronquite, antigripal, rouquidão, béquico.
CAPPARACEAE <i>Cleome spinosa</i> Jack. (mussambê)	flor raiz planta inteira	infuso xarope	béquico, bronquite, cefaléia, antiasmático, antiinflamatório, vulnerário, antigripal.
CAPRIFOLIACEAE <i>Sambucus nigra</i> L. (sabugueiro)	folha	infuso	cicatrizante, béquico, depurativo, diurético, laxante.
CHENOPODIACEAE <i>Chenopodium ambrosioides</i> L. (mastruz, erva de santa maria)	folha	infuso	vermífugo, antigripal, bronquite, béquico, problema digestivo, antimicrobiano, diurético.
COMBRETACEAE <i>Combretum leprosum</i> Mart. (mofumbo)	raiz casca flor	infuso maceração decocto xarope	bronquite, antigripal, béquico, difteria, azia.
CONVOLVULACEAE <i>Operculina macrocarpa</i> L. (batata de purga)	raiz	infuso xarope	flatulência, antiasmático, antigripal, aperiente, hemorróida, vermífugo.
CRASSULACEAE <i>Bryophyllum pinnatum</i> (Lam.) Oken (saião)	folha	macerado infusão	afecção pulmonar, antiasmático, cicatrizante, hipoglicemiante.
CUCURBITACEAE <i>Cucurbita pepo</i> L. (abóbora, jerimum)	folha flor fruto semente	infusão semente (crua ou cozido) polpa (decoção)	febrífuga, queimadura, vermífuga, afecção, dor de ouvido, doenças renais e diuréticas leves.

Continuação.

Família / Nome científico Nome vulgar	Parte usada	Forma de uso	Indicação
EUPHORBIACEAE			
<i>Croton sonderianus</i> Muell Arg. (marmeleiro)	entrecasca	infuso	antidiarréico.
<i>Cnidocolus phyllacanthus</i> (Muell. Arg.) Pax & H. Hoffm. (favela)	látex casca folha (gema)	maceração	antiinflamatório.
FABACEAE			
<i>Cassia occidentalis</i> L. (fedegoso)	casca folha semente raiz	cataplasma infuso decocto	antianêmico, bronquite, béquico, vulnerário, doenças hepáticas, queimaduras.
LAMIACEAE			
<i>Hyptis suaveolens</i> (L.) Poit. (alfazema brava)	folha	infuso	antidiarréico, problema digestivo.
<i>Ocimum basilicum</i> L. (manjeriço)	folha	infuso	febrífuga, cefaléia, estomáquico, gengivite, antiespasmódico, antidiarréico, diurético, béquico, amigdalite.
<i>Lipia alba</i> Mill. (erva-cidreira)	parte aérea óleo	infuso decocto bochechos macerado	cãibras, expectorante, cefaléia, cardiotônico, cordial, desmaio.
<i>Mentha spicata</i> L. (hortelã-vick)	folha	infusão	cãibras, antiespasmódico, flatulência, antiulceroso.
LAURACEAE			
<i>Persea americana</i> Mill. (abacate)	folha fruto óleo semente botão floral	infusão extrato fruto in natura pó da semente decocção	abscessos, afecções, estomáquico, antianêmico, béquico, couro cabeludo, febrífugo, rouquidão.
LEGUMINOSAE			
<i>Bauhinia cheilantha</i> (Bong.) Steud. (mororó)	casca folha semente	infuso xarope	béquico, aperiente, antiasmático, antiinflamatório, hipoglicemiante.
<i>Hymenea coubaril</i> L. (jatobá)	casca fruto	infuso xarope maceração	bronquite, antigripal, béquico, antianêmico, doenças da próstata, sedativo.
<i>Amburana cearensis</i> (Fr. All.) A. C. Smith. (cumarú)	casca fruto semente	infuso xarope maceração	béquico, bronquite, antigripal, sinusite, antiasmático, expectorante, azia, emenagoga.

Continuação.

Família / Nome científico Nome vulgar	Parte usada	Forma de uso	Indicação
Anadenanthera colubrina (Vell.) Brenan var. <i>cebil</i> (Griseb.) Altschul. (angico preto)	casca entrecasca	infuso xarope maceração pomada	antiinflamatório, béquico, bronquite, antiasmático, vulnerário, difteria, escrofulose.
LILIACEAE			
<i>Aloe vera</i> L. (babosa)	folha	emplasto supositório	vulnerário, antitumoral, hemorróidas, emenagoga.
<i>Allium cepa</i> L. (cebola branca)	raiz	comida crua cataplasma infuso decocto	depurativo, antiasmático, doenças renais e hepáticas, antiflogístico, melhora a voz.
MYRTACEAE			
<i>Psidium guajava</i> L. (goiaba)	folha raiz	infuso decocto	antidiarréico, antiinflamatório, gingivite, garganta.
<i>Eucalypto globulus</i> L. (eucalypto)	folha casca raiz	infuso xarope	febrífuga, antigripal.
MONIMIACEAE			
<i>Pneumus boldus</i> M. (boldo-do-chile)	folha	infuso	doenças hepáticas, antiespasmódico, diarréia, digestão, febrífugo, gota, debilidade, insônia, flatulência.
OLEACEAE			
<i>Ximenia americana</i> L. (ameixa)	entrecasca	macerado	afecção, antiulceroso, fogo selvagem.
PAPAVERACEAE			
<i>Argemone mexicana</i> L. (cardo santo)	planta inteira semente raiz folha	xarope infuso	bronquite, antiasmático, oftálmico, trombose, escrofulose, debilidade, antiinflamatório.
POACEAE			
<i>Cymbopogon densiflorus</i> (Steud.) S. (capim-santo)	folha	infuso	sedativo.
PUNICACEAE			
<i>Punica granatum</i> L. (romã)	casca semente	infuso macerado	antiespasmódico, garganta, afecção, flatulência, estomáquico, vermífugo.

Continuação.

Família / Nome científico Nome vulgar	Parte usada	Forma de uso	Indicação
RUBIACEAE			
<i>Coutarea hexandra</i> Schum. (quina-quina)	folha casca	infuso xarope	antigripal, béquico, antiinflamatório, sinusite, febrífuga.
<i>Hybanthus ipecacuanha</i> L. (ipecacuanha)	raiz	macerado	vermífugo, doenças pulmonares, antidiarréico, febrífuga.
RUTACEAE			
<i>Ruta graveolens</i> L. (arruda)	folha	sumo	conjuntivite, antinelvrágico, vermífugo, emenagoga, amenorréia, antiespasmódico.
TURNERACEAE			
<i>Turnera ulmifolia</i> L. (chanana)	raiz folha	infuso xarope emplasto	béquico, doenças da próstata, câncer em geral, antimicrobiana, afecções.
ZINGIBERACEAE			
<i>Alpinia speciosa</i> Schum. (colônia)	folha	infuso	febrífuga, antigripal, hipertensor, cefaléia, defluxo.
<i>Zingiber officinale</i> Roscoe (gengibre)	óleo raiz	decocto tintura xarope suco	aerofagia, amigdalite, antiespasmódico, dores musculares, garganta, rouquidão, béquico.

5.2 Hábito das plantas

Entre as plantas empregadas como medicinais na comunidade estudada predominam as espécies de porte herbáceo, seguido de porte arbóreo e com menos frequência encontram-se as de hábito arbustivo e ervas rasteiras. Desse modo, plantas de vários estratos da caatinga são usadas como medicamentos, conforme também foi encontrado por Agra *et al.* (1996) com relação às plantas da medicina popular dos Cariris Velhos, Paraíba.

Pelos dados da tabela também se pode observar um maior uso de espécies nativas pelos informantes com 26 citações. As espécies exóticas também se apresentam em grande quantidade, 21 citações. Este fato, além de indicar um bom

conhecimento da flora local por parte das populações, também pode servir de referencial no manejo sustentável de espécies medicinais da caatinga.

5.3 Aspectos culturais de interação com os recursos vegetais da caatinga

Os informantes mais velhos, ao longo dos anos habitando a caatinga, desenvolveram uma capacidade muito própria de identificar as plantas, que inclui observações de aspectos morfológicos, químicos, de uso medicinal, ecológico e cultural. Essa atividade é utilizada para busca de plantas na caatinga e indicação delas para outras pessoas. Muitos deles desenvolveram bastante essa capacidade, tornando-se conhecedores de diversas características da mata percebendo, inclusive, alterações significativas que podem indicar vulnerabilidade de algumas espécies.

5.4 Frequência das espécies vegetais por famílias botânicas

Foram estudadas e identificadas na comunidade de São Mamede 46 espécies, pertencentes a 31 famílias botânicas, usadas como plantas medicinais. Destacam-se espécies das famílias Asteraceae, Lamiaceae e Leguminosae que predominam na flora da caatinga, com quatro espécies cada. As demais famílias possuem duas ou uma espécies citadas (Figura 10).

De acordo com Bennett & Prance (2000), as famílias Lamiaceae, Asteraceae, Poaceae, Fabaceae e Malvaceae dominam a lista de plantas exóticas úteis à medicina popular. Em vários trabalhos de cunho etnobotânico e medicinal, destacam-se as Lamiaceae, como no de Almeida & Albuquerque (2002) realizado no agreste do Estado de Pernambuco, onde esta família está representada por sete espécies.

Florentino *et al.* (2007) em um levantamento sobre plantas da caatinga para diversos fins no Estado de Pernambuco, obteve resultados menores quando avaliado o uso medicinal, com incidência de 13 espécies pertencentes a 10 famílias, totalizando para todos os recursos avaliados 84 espécies e 35 famílias botânicas.

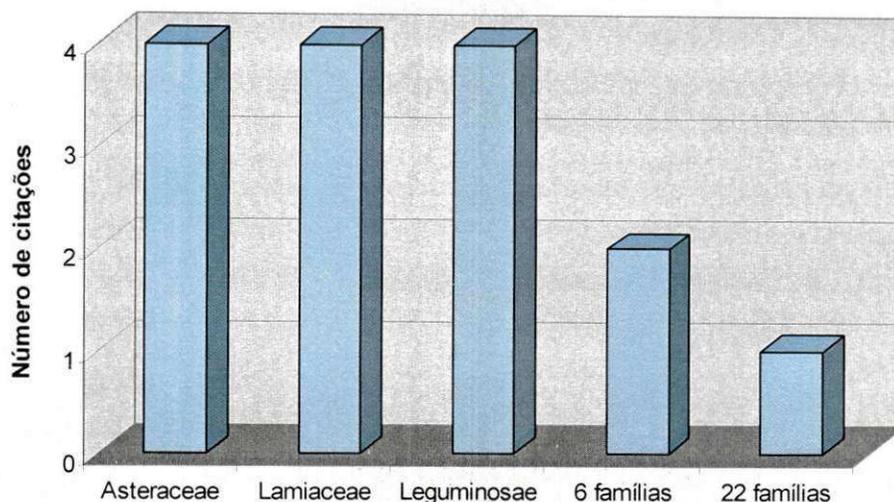


Figura 10. Frequência relativa das espécies medicinais por família botânica, empregadas nas preparações de medicamentos na comunidade de São Mamede – PB.

A família Asteraceae é rica em óleos essenciais que possuem propriedades medicinais. Sabe-se que representantes das Lamiaceae apresentam flavonóides e óleos essenciais como princípios ativos e estes são responsáveis pelas ações antiinflamatória, bactericida, vermífuga, anti-séptica e anestésica encontradas em muitas de suas espécies (ANEZ, 1999). As Leguminosae, por sua vez, apresentam flavonóides e taninos como princípios ativos, que são responsáveis pelas ações antiespasmódicas, antiinflamatórias, aumento da resistência dos vasos capilares, adstringente, vasoconstrictor, hemostática, antibiótica, antiviral, antifúngica e antidiarréica (CARRICONDE, 2002). O elevado potencial medicinal destas famílias de espécie pertencentes a diversos gêneros explica a maior representatividade de uso encontrada na comunidade estudada.

5.5 Plantas mais citadas

As espécies mais citadas que obtiveram 50% ou mais de citações pelos entrevistados são apresentadas em ordem decrescente: Erva-cidreira (5), Cumarú (4), Sabugueiro (4), Saião (4), Babosa (3), Romã (3), Alfazema brava (2), Ipecacuanha (2), Endro (2), Mastruz (2), Macela (2), Gengibre (2), Boldo (2), Hortelã vick (2) e as demais espécies com (1) citação cada.

Todas as plantas citadas são espécies medicinais já conhecidas da nossa flora, não sendo encontrado nenhum novo registro.

5.6 Descrição botânica de algumas espécies citadas pelos informantes

ANGICO

Anadenanthera colubrina (Vell.) Brenan var. *cebil* (Griseb.) Altschul

Família: Mimosaceae

Descrição: Árvore de grande porte, medindo com mais freqüência de 4 a 8m de altura. Casca de cor castanho-avermelhada, nos ramos mais velhos com acúleos que com o tempo recobrem todo o caule; sua casca interna é vermelha, rica em tanino. Folhas alternas, compostas, bipinadas, 8-15cm de comprimento; pecíolo 1-2 cm. Folíolos plurijugados (15-50), aos pares, opostos, subsésseis, oblongos, 0,1-0,3 x 0,1cm, glabros, base assimétrica, ápice agudo. Inflorescências em panículas de espigas globosas, com brácteas foliáceas, bipinadas, desenvolvidas, mínimas. Cálice tubuloso, esverdeado. Corola tubulosa, alva. Estames 10; anteras mínimas, elíticas. Ovário oblongo, estilete filiforme. Fruto legume rígido, deiscente, marrom, 10-20 x 2,5-3 cm. Sementes (5-12) subelípticas, lisas, escuras (LORENZI & MATOS, 2002).

Comentários: É uma planta que ocorre na caatinga e também na mata decídua.

Etnobotânica: Usa-se na comunidade a casca do caule em xaropes e decoctos no tratamento respiratórias como tosses, coqueluches e bronquites. Os frutos são considerados venenosos (LORENZI & MATOS, 2002).

Constituinte químico: ALCALÓIDE INDÓLICO: Óxido de N, N-dimetiltriptamina. ESTERÓIDES: palmitato de β -sitosterol, β -sitosterol, glicosídeo. FLAVONÓIDES: 3, 3', 4', 7, 8-penta-hidroxiflavona. TRITERPENÓIDES: lupenona, lupeol. FENÓLICOS: 3,4,5-dimethoxidalbergiona, dalbergina, kuhlmannina (MIYAUCHI *et al.* 1976, *apud* AGRA, 1996)

AROEIRA

Myracrodruon urundeuva Allemão

Família: Anacardiaceae

Descrição: Árvore resinosa, em condições normais atinge, em média 5-10 m de altura. Casca cinza-escura, manchada de negro. Caule e ramos lenticelados. Folhas alternas, compostas, decíduas, 12-15 cm de comprimento; 5-7 folíolos subsésseis, ovais a elípticos, levemente assimétricos, com bordo serrado, pouco piloso. Inflorescências terminais, paniculadas. Flores unissexuais, pentâmeras, actinomorfas. Corola com 5 pétalas, livres, côncavos, ovais, ciliados, alvo-amareladas. Cálice com 5 sépalas, livres, alternipétalas, ovais, côncavos. Estames 5, se prolongando para fora da corola; antera castanho-escuro e filete verde claro. Ovário súpero, unilocular, sobre disco circular, onde se inserem os estaminóides. Fruto drupáceo, globoso (LORENZI & MATOS, 2002).

Comentários: É uma espécie nativa do Brasil, principalmente na região Nordeste, comum nas caatingas. Sua distribuição atinge também a Bolívia, Paraguai e Argentina.

Etnobotânica: É utilizado na comunidade o decocto ou o infuso da entre casca do caule e dos ramos no tratamento das inflamações ovarianas. O uso tópico do decocto é indicado contra úlceras externas. Em forma de "lambedor" a entrecasca é indicada para tratamento béquico, bronquite e afecções da garganta (LORENZI & MATOS, 2002).

Constituinte químico: Flavonóides Diméricos: urundeuquina A, urundeuquina B (BANDEIRA *et al.* 1994, *apud* AGRA, 1996).

CUMARÚ

Amburana cearensis (Fr. All.) A.C. Sm.

Família: Leguminosae-Papilionoideae (Fabaceae)

Descrição: Árvore de 6-12 m de altura. Caule ereto de casca lisa, cor castanho-escura, lenticelada. Folhas alternas, compostas, imparipinadas, 9,5-16 cm de comprimento total. Folíolos ovais ou oval-arredondados, cartáceos a membranáceos, 2-4 x 1-2,5 cm, subsésseis, arredondados ou obtusos na base, ápice agudo ou obtuso, margem inteira, face ventral castanho-escurecida, glabra, e face dorsal, lepdota, cinérea. Inflorescências em panículas. Flores sésseis diminutas, exalando um perfume agradável. Cálice tubuloso com porção basal estreita, alongada, irregularmente 4-5 lobado, piloso. Corola zigomorfa, reduzida ao estandarte, sésstil, suborbicular, castanho-avermelhada, pubescente no dorso. Estames 10, livres entre si; filetes soldados, esverdeados. Ovário estipitado e glabro. Fruto legume, castanho-avermelhado externamente, superfície rugosa, com 1 ou raro, 2 sementes, aladas com asas terminais, hialinas (LORENZI & MATOS, 2002).

Comentários: Planta da flora brasileira, e não se restringe apenas a caatinga, também nas florestas mesófilas do Sudeste brasileiro e atingindo ainda o nordeste Argentino e Paraguai.

Etnobotânica: Na comunidade utiliza-se o infuso ou xarope da casca do caule como tratamento para bronquites, expectorante, béquico e gripe. O pó das sementes torradas é indicado para sinusites. O decocto da casca é usado como antiofídico. Tem ação antiinflamatória, emenagoga, antiespasmódica (LORENZI & MATOS, 2002).

Constituintes químicos: Cumarina (LIBERALLI & LIMA 1937, *apud* AGRA, 1996).

MACELA

Egletes viscosa (L.) Less.

Família: Compositae (Asteraceae)

Descrição: Erva prostrada, anual, 10-30cm de altura, aromática. Caule e ramos revestidos por pêlos glandulares, viscosos. Folhas simples, alternas; pecíolo curto; lâmina foliar glândulo-viscosa, partida, 3-7cm. Inflorescências em capítulos globosos, 0,5-0,7cm de diâmetro. Brácteas involucrais agudas, elípticas, em duas séries, 0,2-0,3cm de comprimento, alvo-amareladas. Flores marginais femininas; lígulas estreitas, amarelas. Flores centrais andróginas, tubulosas, 5-laciniadas, amarelas. Estames 5; filetes livres; anteras soldadas. Ovário ínfero, unilocular; estigmas bifidos, papilosos no dorso. Fruto aquênio; pappus coroniformes, crassos (LORENZI & MATOS, 2002).

Comentários: É uma planta característica da caatinga, habitando terrenos arenosos, salinos e úmidos, próximos a rios e açudes. Esta espécie é muito vulnerável, principalmente pela ampla comercialização de suas inflorescências, usadas como medicinais, sem programa de manejo (AGRA, 1996).

Etnobotânica: Usada na comunidade o infuso das inflorescências como calmante, carminativo, digestivo, e contra as insônias. O decocto das inflorescências é indicado como tônico capilar, para dar brilho e clarear os cabelos. O "sachet" das folhas é usado nos armários para perfumar roupas e afugentar insetos. O decocto das flores tem uso emenagogo e abortivo (LORENZI & MATOS, 2002).

Constituintes químicos: BIFLAVONÓIDES: Tertatina.
MONOTERPENÓIDES: Acetato de mirtenol, acetato de transpincarveol, β -pineno (CRAVEIRO *et al.* 1992, *apud* AGRA, 1996).

6 CONCLUSÕES

✓ Durante a realização deste trabalho na comunidade de São Mamede constatou-se que as plantas indicadas baseadas no uso popular são em parte comprovadas cientificamente.

✓ O conhecimento sobre o meio em que vivem é evidenciado pela multiplicidade de uso das espécies medicinais e da medicina popular citadas e indicadas pelos informantes.

A comunidade estudada utiliza as plantas medicinais de várias formas, empregando diferentes partes, vegetativas e reprodutivas. Sobressai a utilização da folha e da casca do caule, como forma de preparo, o chá e o xarope (lambedor) seguido da maceração.

A troca de informação entre parentes, vizinhos e amigos faz com que a relação ser humano-flora se mantenha viva e este conhecimento seja repassado aos seus descendentes.

O etnoconhecimento referente às plantas medicinais é repassado oralmente por meio das tarefas diárias, pelo exemplo dos mais velhos, sendo a mulher a responsável principal pela transmissão destes conhecimentos. Enquanto as crianças acompanham os pais nas lidas cotidianas, vão conhecendo as diferentes espécies medicinais empregadas no preparo dos medicamentos, suas utilidades e seus habitats.

Prevalece o uso das espécies nativas do semi-árido utilizadas pela comunidade.

Os resultados obtidos evidenciam a necessidade de estudos mais aprofundados que venham a integrar profissionais envolvidos, principalmente, em Etnobotânica, Etnofarmacologia e Fitoquímica, a fim de resgatar o conhecimento popular e analisar a composição química dos vegetais utilizados popularmente, visando basicamente à busca de melhores condições de vida para o nordestino, por meio das plantas medicinais nativas da caatinga.

7 REFERÊNCIAS

AGRA, M.F. Contribuição ao estudo das plantas "medicinais" na Paraíba. In: SIMPÓSIO DE PLANTAS MEDICINAIS DO BRASIL, 6., 1980, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência), 1980. p.64-66.

AGRA, M.F. **Plantas da Medicina Popular dos Cariris Velhos, Paraíba, Brasil.** João Pessoa: União, 1996. 125p.

AGRA, M.F.; BARBOSA-FILHO, J.M. Levantamento da flora medicinal da Paraíba e triagem fitoquímica. **Revista Brasileira de Farmácia**, Rio de Janeiro, v. 71, n. 3, p. 72-76, 1990.

AGRA, M.F.; SILVA, M.G. Plantas medicinais usadas como cosméticos na Paraíba (Brasil) e na literatura. **Revista Brasileira de Farmácia**, Rio de Janeiro, v. 72, n. 2, p. 42-44, 1993.

AGRA, M.F.; ROCHA, E.A.; FORMIGA, S.C.; LOCATELLI, E. Plantas medicinais dos Cariris Velhos, Paraíba, Parte I: Subclasse Asteridae. **Revista Brasileira de Farmácia**, Rio de Janeiro, v. 75, n. 3, p. 61-64, 1994.

AGRA, M.F.; LOCATELLI, E.; ROCHA, E.A.; BARACHO, George Sidney; FORMIGA, S.C. Plantas medicinais dos Cariris Velhos, Paraíba, Parte II: Subclasse Magnoliidae, Caryophyllidae, Dilleniidae e Rosidae. **Revista Brasileira de Farmácia**, Rio de Janeiro, v. 77, n. 3, p. 97-102, 1996.

ALBUQUERQUE, U.P. de. **Introdução à Etnobotânica.** Recife: Bagaço, 2002. 87p.

ALBUQUERQUE, U.P. de; ANDRADE, L. de H.C. Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de caatinga no Estado de Pernambuco. **Acta Botanica Brasilica**, São Paulo, v.16, n.3, p. 273-285, 2002.

ALCORN, J.B. The scope and aims of ethnobotany in a developing world. In: Schultes, R.E. & Reis, S. von. (Eds.) **Ethnobotany: evolution of a discipline.**, London, UK: Chapman & Hall, p. 23-39. 1995.

ALMEIDA, C.F.C.B.R de; ALBUQUERQUE, U.P. de. Uso e conservação de plantas e animais medicinais no estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil): um estudo de caso. **Interciência**, Caracas, v. 27, n. 6, p. 276-285, 2002.

ALEXIADES, M.N. **Selected guidelines for Ethnobotanical research: a field manual**. New York: New York Botanical Garden, 1996. 306p.

AMOROZO, M.C. de M. A abordagem etnobotânica na pesquisa de Plantas Medicinais. In: DI STASI, L. C. (Org.). **Plantas medicinais: Arte e Ciências. Um guia de estudo interdisciplinar**. São Paulo: EDUSP, 1996. p. 47-48.

ANEZ, R.B.S. **O uso de plantas medicinais na comunidade do Garcês (Cárceres - Mato Grosso)**. 1999. 156f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 1999.

ANDRADE-LIMA, D. **Plantas das Caatingas**. Academia Brasileira de Ciências: Rio de Janeiro, 1989. 126p.

BARACHO, G.S.; AGRA, M.F. Etnomedicina da Família Malvaceae nos Cariris Velhos, Paraíba, Brasil. **Revista Brasileira de Farmácia**, Rio de Janeiro, v. 76, n. 2, p. 48-52, 1995.

BENNETT, B.C.; PRONCE, G.T. Introduced plants in the indigenous pharmacopoeia of Northern South American. **Economic Botany**, v. 54, p. 90-102, 2000.

BERG, M.E.V. D. **Plantas medicinais da Amazônia: contribuição ao seu conhecimento sistemático**. Belém: CNPq/MPEG, 1993. 206p.

BRAGA, R. **Plantas do Nordeste especialmente do Ceará**. 3 ed. Fortaleza: Imprensa Oficial, 1976. 540p.

BRAGANÇA, F.C.R. de. Considerações sobre o histórico dos medicamentos e plantas medicinais. In: BRAGANÇA, L. A. R. de (Coord.) **Plantas medicinais antidiabéticas**. Rio de Janeiro: EDUFF, 1996. p. 29-51.

CABRAL, S.C.M.; AGRA, M.F. Etnomedicina e farmacobotânica das Capparaceae da caatinga paraibana, Brasil. **Revista Brasileira de Farmácia**, Rio de Janeiro, v. 79, n. 1/2, p. 2-6, 1998.

CARRICONDE, C. **Introdução ao uso de fitoterápicos nas patologias de APS: direcionado aos profissionais do programa saúde da família**. Olinda: CNMP, 2002. 91p.

CORRÊA, M.P. **Dicionário de plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas**. 4 ed. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1926-1978.

COSTA, M.A. **Plantas & Saúde: guia introdutório à fitoterapia**. Brasília: Governo do Distrito Federal, 1992. 88p.

DE-LA-CRUZ-MOTA, M.G.F. **O trabalho de campo sob perspectiva da Etnobotânica**. 1997. 36f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 1997.

DI STASI, L.C. **Plantas Mediciniais: arte e ciência, um guia de estudo interdisciplinar**. São Paulo: EDUSP, 1996. 230p.

FARNSWORTH, N.R.; SOEJARTO, D.D. Potential consequence of plant extinction in the United States on the current and future availability of prescription drugs. **Economic Botany**, v. 39, p. 232-40, 1985.

FERNANDES, V.F.; FERREIRA, A.C. **Alquimia vegetal: como fazer sua farmácia caseira**. Rio de Janeiro: Nova Era, 1997. 201p.

FLORENTINO, A.T.N.; ALBUQUERQUE, U.P.; ANDRADE, L.H.C. Contribuição de quintais agroflorestais na conservação de plantas da caatinga, Município de Caruaru, Pernambuco. **Acta Botânica Brasílica**, São Paulo, v. 21, n.1, p. 37-47, 2007.

FORD, R.I. **An ethnobiology source look the use of plants and animals by American Indian**. New York: Garland publishing Inc., 1986. 170p.

FORMAN, L.; BRIDSON, D. **The herbarium handbook Kew**. Royal Botanic Gardens, UK. 1989. 167p.

GUARIM-NETO, G.; SANTANA, S.R.; SILVA, J.V.B. Notas Etnobotânicas de espécies de *Sapindaceae* Jussieu. **Acta Botânica Brasílica**, São Paulo, v.14, n.3, p. 327-334, 2000.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 21 de julho de 2007.

JACOBY, C.; COLTRO, E.M.; SLOMA, D.C.; RONDON NETO, R.M. Plantas medicinais utilizadas pela comunidade rural de Guamirim, Município de Irati, PR. **Revista Ciências Exatas e Naturais**, Guarapuava/Irati, v. 4, n.1, p.79-89, 2002.

JONES, V.H. The nature and statesof ethobotany. **Chronica Botanica**. New York, v. 6, n.10, p.219-221, 1941.

JORGE, S.S.A. **O saber medicinal ribeirinho: comunidade de Praia do Poço, Santo Antônio de Leverger - Mato Grosso**. 2001. 136f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2001.

JORGE, S. da S.A.; MORAIS, R.G. de. **Etnobotânica de plantas medicinais**. Disponível em: <www.agrisustentavel.com/divulgamos.htm>. Acesso em: agosto de 2003.

LANDMANN, J. **As medicinas alternativas: mito, embuste ou ciência?**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989. 185p.

LORENZI, H. **Manual de identificação e controle de plantas daninhas: plantio direto e convencional**. São Paulo: Plantarum, 1994. 299p.

LORENZI, H. **Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil**. 2 ed. São Paulo: Plantarum, 1998. 352p.

LORENZI, H.; MATOS, F.J. de A. **Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas cultivadas**. São Paulo: Plantarum, 2002, 512p.

LORENZI, H.; SOUZA, H.M. **Plantas ornamentais no Brasil: arbustivas, herbáceas e trepadeiras**. São Paulo: Plantarum, 1995. 720p.

MACIEL, M.A.M.; PINTO, A.C.; VEIGA, V.E. Plantas medicinais: a necessidade de estudos multidisciplinares. **Química Nova**, São Paulo, v. 23, n.3, p. 429-438, 2002.

MARTIN, G.J. **Ethnobotany: a n.ethods manual**. London, UK: Chapman & Hall, 1995. 268p.

MARTINS, E.R.; CASTRO D.M. de; CASTELLANI, D.C.; DIAS, J.E. **Plantas medicinais**. Viçosa: UFV, 2000. 220p.

MATOS, F.J. de A. **Plantas medicinais: guia de seleção e emprego de plantas usadas em fitoterapia no Nordeste do Brasil**. v.1. Fortaleza: IOCE, 1989. 164p.

MATOS, F.J. de A. **As plantas das farmácias vivas; álbum de gravuras para identificação das principais plantas medicinais do projeto farmácias vivas**. Fortaleza: BNB, 1997. 57p.

MATOS, F.J. de A. **Farmácias vivas: sistema de utilização de plantas medicinais projetado para pequenas comunidades**. 3 ed. Fortaleza: EUFC, 1998. 179p.

MING, L.C. Coleta de plantas medicinais. In: DI STASI, L. C. **Plantas medicinais: Arte e Ciência, um guia de estudo interdisciplinar**. São Paulo: EDUSP, 1996. p.69-86.

MING, L.C.; AMARAL JÚNIOR, A. Aspectos etnobotânicos de plantas medicinais na reserva extrativista "Chico Mendes", 2005. Disponível em: <<http://www.nybg.org/bsci/acre/www1/medicinal.html>>. Acesso em: 25 ago. 2006.

PAULA, F. **Estudo preliminar etnobotânico de plantas de uso medicinal na região arqueológica de central – Bahia, Brasil**. Disponível em: <http://www.naya.org.ar/congreso_2002/pronencias/martnalocks.Htm>. Acesso em: 07 de jul. 2003.

PLOTKIN, M.J. The importance of ethnobotany for Tropical Forest conservation. In: SCHULTES *et al.* (Eds.). **Ethnobotany: Evolution of discipline**. New York: Chapman & Hall, p.147-156. 1995.

PRANCE, G.T. Na ethnobotanical comparison of four tribes of Amazonian Indians. **Acta Amazonica**, Manaus, v. 2, n. 2, p.1-28, 1972.

PRANCE, G.T. Etnobotânica de algumas tribos Amazônicas. In: Ribeiro. B. G. (Org.). **Suma Etnológica Brasileira**. Vol.1. Rio de Janeiro. p. 119-134. 1985.

PRANCE, G.T. What is ethnobotany today? **Journal de Ethnopharmacology**, v. 32, p. 209-216. 1991.

PRANCE, G.T. Ethnobotany today and in the future. In: SCHULTES *et al.* (Eds.) **Ethnobotany: Evolution of a Discipline**. New York: Chapman & Hall, p.60-67. 1995.

POSEY, D.A. Introdução. Etnobiologia: teoria e prática. In: RIBEIRO, B.G. (Coord.) **Suma etnológica brasileira**. Etnobiologia. Petrópolis: Vozes. 1987. p.15-25.

RIZZO, J.A.; CAMPOS, I.F.P.; JAME, M.C.; MUNHOZ, T.; MORGADO, W.F. Utilização de plantas medicinais nas cidades de Goiás e Pirenópolis, Estado de Goiás. **Revista de Ciências Farmacêuticas**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 431-447, 1999.

RODRIGUES, V.E.G. **Levantamento florístico e etnobotânico de plantas medicinais dos cerrados na região do Alto Rio Grande - Minas Gerais**. 1998. 235f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Florestal) - Universidade Federal de Lavras, Minas Gerais, 1998.

SALES, M.F.; LIMA, M.J.A. Formas de uso da flora da Caatinga pelo assentamento da Microrregião de Soledade (PB). In: REUNIÃO NORDESTINA DE BOTÂNICA, 7., 1985, Recife. **Anais...** Recife: SBB (Sociedade Botânica do Brasil) - Seccional de Pernambuco. 1985. p.165-184.

SILVA, V.A. **Etnobotânica dos índios Xucurú com ênfase às espécies do Brejo da Serra do Ororobá (Pesqueira - PE)**. 1997. 75f. (Mestrado em Botânica) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 1997.

TRICART, J. **As zonas morfoclimáticas do Nordeste Brasileiro**. Salvador: Progresso, 1959. 442p.

XOLOCOTZI, E.H. El concepto de Etnobotánica. In: BARREIRA, D. (Edit.). **La Etnobotánica: tres puntos de vista y una perspectiva**. Xalapa: Instituto Nacional de Investigaciones sobre Recursos Bióticos. p.13-18 1982.

APÊNDICES

Apêndice 1A. Questionário sobre plantas medicinais aplicado junto a comunidade de São Mamede-PB, 2008.

1. Nome: _____
2. Gênero: F () M () Idade: _____
3. Qual seu estado civil:
Casado () Solteiro () Viúva () Outro ()
4. Você tem filhos? Sim () Quantos: _____ Não ()
5. No local onde mora você é:
Proprietário () Morador () Arrendatário () Outros ()
6. Há quanto tempo mora no local? _____
7. Qual seu nível de escolaridade: Sabe ler e escrever ()
Sabe apenas assinar o nome ()
Sabe ler e escrever pouco ()
Não sabe ler e escrever ()
8. Você costuma usar remédios feitos com plantas medicinais? Sim () Não ()
9. Quanto tempo usa plantas medicinais? _____
10. De quem herdou os conhecimentos sobre o uso das plantas medicinais?
Pais () Avós () TV () Rádio () Livros ()
11. De que forma você usa as plantas?
Chá () Lamedor () Xarope () Maceração () Infusão () decocto ()
Outros: _____
12. Quais as partes da planta que você mais usa?
Raiz () Casca () Folha () Flores () Frutos () Semente ()
13. Por exemplo: dor de ouvido, cólicas, diarreia, gripe, febre, vômitos, vermes, feridas externas, outras. Responda para cada planta:
Que planta costuma usar?
Quem indicou tal planta?
Outros nomes populares?
Cultiva a planta em casa?
A planta é usada fresca ou depois de seca?
Pode ser armazenada? Por quanto tempo?
Modo que prepara?
Quantidade utilizada, dosagem diária e tempo de uso?
Resultados obtidos: satisfatórios, regulares ou nenhum efeito?
14. Caso algum remédio medicinal não tenha resultados, procura um especialista?
Sim () Não ()
15. Você costuma usar duas ou mais variedades de plantas ao mesmo tempo para tratar determinadas indicações terapêuticas? Exemplifique.
16. Usa remédios feitos à base de plantas medicinais com que frequência:
Hábito, todos os dias ()
Usados para prevenção de doenças ()
Usados somente em casos de doenças ()
Não usa e prefere os remédios sintéticos ()

Apêndice 2A. Léxico das propriedades medicinais das plantas citadas pela comunidade de São Mamede-PB, 2008.

(Fontes: Matos, 1992; Agra, 1996; Carriconde, 2002; Lorenzi, 2002).

Abscessos: Acelera a maturação da inflamação.

Afecção: Doença.

Amenorréia: Suspensão do fluxo menstrual na mulher não grávida durante seu período de vida sexual.

Amigdalite: Inflamação das tonsilas.

Anexite: Inflamação dos anexos do útero (trompa e ovários).

Antianêmico: Combate a anemia mediante um fornecimento de vitaminas e minerais (ferro) que ajudam o sangue a reconstruir o seu teor em glóbulos vermelhos.

Antiasmático: Combate a asma, doença respiratória caracterizada por cansaço, tosse, chiado no peito e falta de ar.

Antidiarréico: Combate a diarreia devido a uma ação adstringente, absorvente, desinfetante ou moderada do trânsito intestinal.

Antiespasmódico: Que diminui ou acaba as cólicas (menstruais, renais, intestinais).

Antiflogístico: Reduz as inflamações, opondo-se às reações naturais do organismo.

Antigripal: Que combate à gripe, o resfriado.

Antiinflamatório: V. Antiflogístico.

Antimicrobiana: Agente que destrói microorganismos ou bloqueia seu desenvolvimento.

Antinevrálgico: Combate as dores produzidas no trajeto dos nervos sensitivos.

Antitumoral: Age contra células cancerígenas.

Antiulceroso: Melhora o estado das úlceras digestivas, quer diminuindo o teor de acidez, quer protegendo a mucosa.

Antivomitivo: Combate as náuseas de origem nervosa ou espasmódica.

Aperiente: Que estimula o apetite.

Azia: Sensação de queimação no estômago.

Béquico: Que combate à tosse, antitussígeno.

Bronquite: Inflamação dos brônquios.

Cardiotônico: Que estimula e regula as contrações cardíacas.

Cefaléia: Dor de cabeça.

Conjuntivite: Inflamação da conjuntiva (membrana mucosa que forra a parte externa do globo ocular e a parte interna das pálpebras).

Cordial: Ativa a circulação do sangue e estimula as funções digestivas.

Debilidade: Fraqueza.

Defluxo: Coriza ou catarro nasal.

Depurativo: Purifica o sangue, facilitando a eliminação dos resíduos mediante uma ação diurética, laxativa e sudorífica.

Difteria: Doença infecto-contagiosa aguda.

Digestivo: Auxilia a digestão, facilitando a atividade do estômago.

Dispepsia: Dificuldade em digerir.

Diurético: Que provoca a eliminação abundante da urina.

Doenças hepáticas: Problemas que envolvem o fígado.

Doenças da próstata: Reduz o tamanho.

Doenças renais: Ajuda a expulsar os cálculos renais.

Emenagoga: Facilita ou aumenta o fluxo menstrual.

Epistaxe: Derramamento de sangue pelas fossas nasais.

Escrofulose: Estado de quem tem escrófulas (tuberculose das glândulas linfáticas, acompanhada de abscessos supurantes).

Estomáquico: Que cura doenças da boca.

Expectorante: A ação exercida sobre as vias respiratórias, ajudando a expulsar o catarro dos canais bronquiais.

Febrífuga: Combate a febre ou evita os seus acessos.

Flatulência: Acúmulo de gases no tubo digestivo.

Fogo selvagem: Aparecimento de bolhas que se espalha por todo o corpo.

Gengivite: Inflamação das gengivas.

Gota: É uma forma de artrite.

Hemorróida: Varizes no reto que causam dor local, e às vezes, perda de sangue.

Hipertensor: Provoca a elevação da pressão sanguínea nas artérias, frequentemente devido a um efeito estimulante.

Hipocolesterolmiante: Baixa o teor de colesterol no sangue, reduzindo os perigos da arteriosclerose.

Hipoglicemiante: Faz baixar o teor de glicose no sangue.

Insônia: Usada para estimular o sono.

Laxante: Usada para estimular a eliminação das fezes.

Leucorréia: Secreção branca vaginal ou uterina.

Oftálmico: Utilizado para tratar algumas afecções dos olhos e das pálpebras.

Queimaduras: Ajudam na cicatrização das queimaduras.

Sedativo: Agente tranqüilizante do sistema nervoso central, sem provocar sono ou analgesia.

Sinusite: Inflamação do septo nasal.

Trombose: Coagulação do sangue processada dentro do aparelho circulatório.

Vermífuga: Expulsa os vermes do intestino.

Vulnerário: Contribui para a cicatrização das feridas, bem como para o tratamento das contusões.

Apêndice 3A. Léxico das formas de utilização de plantas medicinais citadas pela comunidade de São Mamede-PB, 2008.

(Fonte: Lorenzi, 2002).

Banho de assento: Imersão em água morna, na posição sentada, cobrindo apenas as nádegas e o quadril. A água pode conter medicamentos. O banho é usado para aliviar dores, pruridos e espasmos musculares, ou pode ser usado para ajudar no processo de cura ou para fins de higiene.

Bochechos: Ato de higienizar a boca com algum líquido.

Cataplasma: Preparação feita com farinha e água, geralmente a quente e adicionada ou não da planta triturada, às vezes usando o cozimento da planta ao invés da água.

Chás: Infusão - São preparados juntando-se água fervendo sobre os pedacinhos de erva, mistura-se tudo por um instante, cobre-se e deixa-se em repouso por 5 a 10 minutos até chegar a temperatura apropriada para ser bebido.

Decocção: - Colocar a planta na água fria e levar a ferver. O tempo de ferver pode variar de 10 a 20 minutos, dependendo da consistência da parte da planta. Após o cozimento deixar em repouso de 10 a 15 minutos e coar em seguida.

Maceração: Colocar a planta, amassada ou picada, depois de bem limpa, mergulhada em água fria, durante 10 a 24 horas, dependendo da parte utilizada. Folhas, sementes e partes tenras ficam de 10 a 12 horas. Talos, cascas e raízes duras, de 22 a 24 horas. Após o tempo determinado, coa-se.

Compressa: É o ato de resfriar ou esquentar o local lesionado diminuindo assim sintomas como dor e inchaço.

Emplasto: São aplicações de plantas curativas quentes, misturadas a um espessante qualquer, para conservar o calor e facilitar a aplicação.

Lambedor: É uma preparação espessada com açúcar e usada geralmente para o tratamento de dores de garganta, tosse e bronquite. Junta-se a parte do chá por infusão ou do cozimento, com uma parte de açúcar do tipo cristalizado. Obtém-se o xarope frio filtrando-se a mistura após 3 dias de contato com 3 a 4 agitações fortes por dia. O xarope a quente é obtido fervendo-se a mistura até desmanchar o açúcar.

Sumo: Extrair um líquido da parte da planta que se quer utilizar.